

AS FUNÇÕES MODAIS DA ENTOAÇÃO *

IVAN FÓNAGY
Universidade de Paris III
CNRS

ENTOAÇÃO E PONTUAÇÃO

O ponto de interrogação e o ponto de exclamação figuram desde o século XVI entre os primeiros sinais de pontuação - juntamente com o ponto, a vírgula, os dois pontos, o ponto e vírgula, os parênteses e o travessão. Geoffroy Tory (1529/1931) opõe o ponto interrogativo ao ponto "que responde" e ao ponto admirativo. É interessante notar que esse sistema não evoluiu, contentando-se invariavelmente a ortografia das línguas modernas com esse pequeno número de sinais para suprir a ausência dos fenômenos prosódicos.

Pouca informação tonal passa portanto pelo canal visual, a prosódia vendo-se aí reduzida à função demarcativa e à função modal.

Isso significa que, apesar dessa redução brutal, a ortografia não podia prescindir de sinais especiais tendo por única função a distinção dos modos de enunciação - interrogativo, declarativo, imperativo (e exclamativo).

MODALIDADES, ATITUDES, EMOÇÕES

Entretanto, o estatuto lingüístico da modalidade não está ainda estabelecido de maneira clara. Os limites entre as modalidades e as atitudes, e entre as atitudes e as emoções permanecem bastante difusos.

As distinções gramaticais entre frases como:

(a) Ele vem. / Ela vem.

ou

(b) Ela vem. / Elas vêm.

não parecem ser de mesma natureza que as que opõem os enunciados:

(c) Ela vem. / Ela vem ?

ou

* O presente texto é a tradução de um capítulo da obra inédita "Intonation". As observações e as transcrições entoacionais referentes ao português são de nossa responsabilidade. (N. do T.)

(d) **Você vem. / Venha !**

Os primeiros pares de frases (a,b) correspondem a **realidades** diferentes. Nos outros pares (c,d), é a **atitude** do locutor em relação à situação indicada no enunciado que muda radicalmente. O enunciado **Ela vem.** assinala um fato ao interlocutor. O enunciado **Ela vem ?** apresenta o mesmo fato como uma eventualidade e pede sua confirmação ou infirmação.

Em **Venha !**, o evento figura como um ato que deve ser cumprido, como uma ordem portanto. Segundo a terminologia da teoria lingüística de Karl Bühler (1934) essas oposições situam-se em níveis diferentes. Os pares (a) e (b) opõem-se no nível da função representativa (*Darstellungsfunktion*), os dois outros (c) e (d), no nível da função de apelo (*Appellfunktion*). Os enunciados (a) representam uma oposição de sexo, os enunciados (b), uma oposição quantitativa. Já nos pares (c) e (d) fazemos ou não apelo ao interlocutor. No primeiro enunciado desses pares, contentamo-nos em relatar um evento; no segundo, ao contrário, exigimos uma reação verbal (c) ou factual (d) do interlocutor. Esse parentesco funcional entre os enunciados interrogativos e imperativos permitiu a F. Daneš (1960) reuní-los na classe da modalidade apelativa, que ele opõe à modalidade enunciativa.

O modelo de K. Bühler sugere uma terceira modalidade, correspondendo à função expressiva (autística). Na gramática clássica encontramos, com efeito, modalidades que não são descritivas, nem tampouco apelativas, mas puramente expressivas, como a modalidade **optativa**, marcada seja por um morfema especial (latim *utinam*, húngaro *bárcsak*), seja por uma oração introdutória ("Eu gostaria que...").

As frases exclamativas, que se filiam, por excelência, à função expressiva, constituem, segundo a gramática tradicional e certos autores contemporâneos (cf. Károly, 1963), uma classe modal independente.

Com o auxílio de morfemas integrados ao verbo, de conjunções, de orações introdutórias, pode um enunciado ser apresentado de diversas maneiras: como certeza, como necessidade, ou como uma eventualidade, eventualidade essa mais ou menos provável, mais ou menos desejável. A tradição gramatical parece reservar as modalidades "**probabilitiva**", "**dubitativa**", "**necessitiva**", etc, unicamente às línguas que as distinguem por processos lingüísticos estabelecidos, constantes, de preferência àquelas em que a marca modal apresenta-se integrada à flexão verbal.

Atribui-se assim ao vogul as modalidades **necessitiva**, **probabilitiva**, **precativa** (comunicação afetuosa) e **pejorativa** (enunciados exprimindo o desprezo, a oposição).¹

¹ A oração introdutória transforma-se facilmente por elipse (supressão) em marca optativa: "**Tomara que ele venha !**" "Se eu pudesse ao menos revê-lo !". Numa obra dedicada ao aspecto modal do enunciado, S. Károly (1963) distingue as seguintes marcas: a) morfema modal integrado ao verbo, b) monemas lexicais, c) ordem das palavras, d) entoação.

Em línguas onde a atitude do locutor exprime-se unicamente com o auxílio de orações introdutórias, considera-se a expressão das diversas atitudes como diferentes aspectos da modalidade declarativa (cf. Ross, 1970).

A flutuação semântica que caracteriza o uso dos termos "modalidade", "atitude", "emoção", explica-se provavelmente pelas relações íntimas que unem os fenômenos designados. A existência independente dos três termos sugere entretanto que os três vocábulos referem-se a fenômenos que, embora aparentados, são distintos. Antes de encetar a discussão sobre a entoação modal ou sobre a entoação emotiva, torna-se necessário tentar pôr em evidência o que distingue a atitude da emoção, e a modalidade da atitude.

Nos estudos psicológicos e fonéticos, usam-se indiferentemente os termos "emoções" e "atitudes emotivas". O simples fato de julgar-se útil acrescentar um qualificativo ("emotiva") à palavra "atitude", mostra claramente que a esfera semântica das atitudes ultrapassa a das emoções, compreendendo igualmente atitudes não emotivas, como as morais ou intelectuais. **Atitude** designava originariamente uma posição do corpo; depois, por extensão, uma posição moral, uma maneira determinada de se comportar em diferentes situações. A estrutura semântica da palavra (tal como ela se reflete nos dicionários monolíngues franceses, inglesa ou alemães) guarda ainda a lembrança dessa evolução. Poder-se-ia portanto, sem violentar o sentido corrente do termo, utilizar a palavra **atitude** para designar um comportamento determinado, consciente, controlado, tendo um componente moral, intelectual, opondo-a às emoções, enquanto descargas espontâneas de uma tensão psíquica. Dever-se-ia considerar então a cólera, a alegria, a tristeza, a angústia como emoções; por outro lado, a ironia, a circunspeção, a reprovação, a justificação, seriam atitudes.

As **modalidades** constituem-se a partir das atitudes.

As **modalidades** compreendem as atitudes fundamentais com relação ao objetivo da comunicação - apresentação do enunciado como narração de um fato, como hipótese, como desejo, como ordem, como pergunta ou como estímulo que provoca fortes emoções. Essas atitudes básicas são marcadas nas diferentes línguas por meio de morfemas determinados, pela ordem das palavras ou por formas de entoação constantes, delimitadas de maneira nítida.²

Adotando-se esta definição, faz-se necessário restringir o âmbito das frases exclamativas aos enunciados que marcam de maneira explícita e constante o fato de se comunicar uma experiência que provocou uma forte emoção no locutor (geralmente o espanto, a admiração ou, ao contrário, a indignação), isto é, a frases como "Que mulher!", por oposição à interrogação "Que mulher?".

Isso explica o fato de a entoação modal poder ter como equivalente perfeito um signo verbal de dupla articulação, um morfema, o mesmo não ocorrendo com a

² Obtivemos essas informações de Béla Kálmán, professor de Linguística fino úgriga na Universidade de Debrecen, numa conferência sobre a flexão verbal do vogul, proferida em Paris em 1971 no Centro de Estudos Fino Úgricos.

expressão prosódica das atitudes e das emoções. São sobretudo as tentativas engenhosas tentando assimilar o conteúdo semântico das entoações emotivas e "atitudinais" ao conteúdo dos verbos performativos (J.L. Austin, 1962)³ que evidenciam a disparidade dos dois conteúdos. C-A. Yorio (1973) considera os contornos melódicos da reprovação, da ameaça, da concessão, da promessa, como equivalentes de orações introdutórias como "Eu lhe reprovoo o fato de...", "Eu o ameaço de...", "Eu lhe concedo...", "Eu lhe prometo...". Estas orações introdutórias devem figurar, segundo esse autor, na estrutura profunda das frases geradas, sendo a seguir eliminadas e substituídas pelo contorno melódico correspondente.

Ora, a análise da expressão prosódica das atitudes e das emoções, e sobretudo os resultados dos testes de percepção, indicam-nos claramente que jamais conseguimos fazer passar uma emoção ou uma atitude por meios prosódicos com a mesma precisão que obtemos com o concurso dos verbos "performativos".⁴

Tal fato deve-se à divergência semiótica fundamental que há entre as duas espécies de comunicação: a **descrição** de uma atitude (enquanto objeto) por meio de **signos** (articulados), a partir de sua análise conceptual, e a **expressão** direta de processos psíquicos por meio de **índices** verbais. Este último tipo de comunicação, que se aproxima mais da atividade real que deve exprimir, atende melhor, em que pese a sua imprecisão, às necessidades expressivas do locutor.

Um comentário verbal pragmático como "eu lhe digo isso com uma certa ironia" não é jamais equivalente a uma entoação irônica.

Isto torna-se ainda mais patente no caso das emoções: basta compararmos, por exemplo, um comentário pragmático como "Eu estou furioso pois..." ou "Acabo de saber com grande alegria que..." à expressão motora - expiratória, vocal, articulatória - da cólera ou da alegria.

A participação global dos meios prosódicos e articulatórios que caracteriza a expressão das emoções fornece-nos um critério precioso para a oposição da expressão das emoções à das atitudes, pois estas últimas exprimem-se sobretudo por configurações melódicas.

Comparando-se a expressão sonora das emoções à sinalização da modalidade, a pertinência desse critério torna-se ainda mais evidente: uma língua na qual a

³ Para uma outra definição de modalidade, ver Culioli (1975-1976).

⁴ A distinção entre os verbos (ou enunciados) "constativos" (descritivos) e os verbos (ou enunciados) "performativos" (ativos) permitiu a Austin opor os enunciados que representam ou constatarem algo e que podem ser verdadeiros ou falsos, aos enunciados que participam diretamente da atividade do locutor e que não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas apenas "felizes" ou "não felizes". Os verbos performativos podem ser "veredictivos" (absolver, analisar, etc.), "exercitativos" (ordenar, anular, cassar, etc.), "comissivos" (prometer, se propor, esposar a causa, etc.), "comportamentais" (desculpar-se, saudar, desafiar, etc.) e "expositivos" (afirmar, descrever, informar, etc.). Essa teoria está, desde sua primeira formulação em 1939, em plena evolução. Apesar da sensibilidade verbal excepcional do autor e de sua grande maleabilidade, ou talvez por causa delas, a teoria não pode ser considerada como definitivamente estabelecida, ou claramente formulada. Sua aplicação à análise sintática exige uma prudência comparável à de Austin.

modalidade interrogativa se caracterizasse pela atuação global e total dos meios prosódicos e articulatórios - comparáveis à expressão da cólera ou do medo seria inconcebível.

Este contraste marcante entre as diferentes formas de expressão verbal não exclui, **et pour cause**, a possibilidade de uma transição. Ao contrário, a passagem da comunicação por índices não articulados à comunicação por signos articulados devia se dar necessariamente, e a linguagem humana conservou os vestígios dessa transição. As línguas possuem, por um lado, signos articulados, monemas, como as interjeições, que não provêm do pensamento conceptual (os "frasillons" de Tesnière, 1966:96), e, por outro lado, padrões entoacionais que veiculam conteúdos muito elaborados.

AS FRASES INTERROGATIVAS

O que é uma questão? A lógica clássica considerava-se um enunciado imperfeito, sem validade ("geltungsloses Urteil" segundo Benno Erdmann, 1892:271 ss.) ou um enunciado problemático (Karpov 1856, cit. por Ladányi, 1965). Seria com efeito dificultoso distinguir-se "questão" e "problema" partindo-se da estrutura lógica do enunciado, sem levar-se em conta a totalidade da situação, a interação verbal dos dois interlocutores. A questão distingue-se de outros enunciados sobretudo pelo fato de, a um tempo, exigir e fornecer informações (Firbas 1972). Ela especifica de diversas maneiras o gênero de informação pedido pelo locutor.

A classe modal das frases interrogativas está longe de ser homogênea. Quantos tipos de questão podem-se e devem-se distinguir? A resposta dependerá do ponto de vista da análise adotada, do nível em que os situamos.

A. A análise da **estrutura lógica** do enunciado poderia servir como ponto de partida e de referência.

Reinchenbach (1947) distingue três tipos de questão segundo a estrutura lógica do enunciado:

1. A fórmula $? p$ simboliza um enunciado global, não analisado, que é posto em questão ("Rodrigo, tens coração?").

Outros tipos de questão exigem a distinção dos componentes essenciais do enunciado - a função (f) (o "predicado") e o argumento (x,y) (o "sujeito"), isto é, exigem a análise do enunciado enquanto função proposicional (Frege, 1962).

2. Assim em $(? x) f(x)$, temos: "qual é esse x que é f ?" ("Quem te disse isso?").

3. Em (?f) f(x), temos: "Qual é a qualidade (ou atividade) de x ? ("O que é que ele está fazendo ?", "Mas onde estão as neves de antanho ?").

Reinchenbach mostra ainda como se pode aperfeiçoar a formalização para distinguir, no interior dessas três classes fundamentais, questões como "De que cor é a casa ?", ou "Como ele construiu a ponte ?".

Em lingüística designa-se o grupo 1 pelas expressões "questão global", "questão decisiva" (al. Entscheidungsfrage, cf. von Essen, 1956 a), "questão **sim** ou **não**" (ing. "yes or no questions"), opondo-o ao conjunto das questões "parciais", "completivas" (al. Ergänzungsfrage)⁵, "pronominais" (ing. "wh-questions", uma vez que a maior parte dos pronomes interrogativos ingleses iniciam-se por "wh"), sem levar em conta a sua estrutura lógica, que não parece exercer nenhuma influência notável sobre o comportamento gramatical e melódico da frase.

Aristóteles enxerga aí igualmente uma oposição binária: ele considera as questões totais como questões dialéticas, e as opõe às que não podem ser respondidas por um simples "sim" ou "não" (Topica 158 a:14-20).

Nos dois outros casos (2 e 3) o foco da interrogação desloca-se ao longo da frase, pondo em evidência uma lacuna e atraindo para ela as informações suscetíveis de preenchê-la. Precisa-se o gênero de informação que se espera, substituindo-se a palavra que falta por um pronome interrogativo que indique a classe dessa palavra. (**Onde** ? - "Indicar o local da ação", **Quanto** ? - "Queira precisar a quantia".)

Encontramos uma distinção análoga a essa em certas análises lingüísticas das frases interrogativas. Huddleston e Uren (1969) opõem as questões que dizem respeito ao sujeito ("subject-questions") às que concernem outras partes do discurso ("nonsubject questions").

As lacunas no leque das alternativas teoricamente possíveis quanto ao objeto da questão são mais ou menos numerosas segundo as diferentes línguas. O advérbio interrogativo **de onde** indica que a questão se refere a um lugar de origem. O árabe **almanijju**("de que região") reduz consideravelmente o campo interrogativo. (É possível em qualquer língua, evidentemente, restringir-se esse campo, complementando o pronome ou o advérbio interrogativo com outras palavras: "De que região você é originário?").

Uma frase interrogativa pode conter duas ou mais "casas vazias". Segundo a fórmula de Reinchenbach, teríamos:

⁵ Yorio não esconde esse inconveniente: "intonation contours are often difficult to differentiate and in many cases the same or very similar contour might be used with different meanings" (p.117), e ilustra esse fato com um diálogo imaginário:

A: "I will do it." (with a certain contour)
B: "Is that a promise ?"
C: "No, it is a warning."

O autor supõe, entretanto, que numa situação normal, o verbo "performativo" que foi suprimido pode ser reconstituído a partir da entoação (p.118).

$(? x, y) f (x, y, z)$ ou $? (f, x) f (x, y)$.

Veja-se a respeito a viva discussão que suscitou a interpretação da frase inglesa "Who remembers where we bought which books?" (Quem se lembra onde compramos que livros?) (Kuno e Robinson, 1972).

Um jogo de sociedade difundido nos países danubianos consiste em transformar um verso conhecido (ou um provérbio, um ditado, um dito célebre) em uma série de pronomes e advérbios interrogativos. O húngaro permite a transformação de cada classe de vocábulo lexical em seu substituto (Dubois 1965:169-178) relativo-interrogativo, inclusive o verbo.⁶

Independentemente do número de morfemas interrogativos que a língua distingue, o número das diferentes estruturas interrogativas deve corresponder ao número dos tipos de enunciados subjacentes, conforme o princípio formulado por Aristóteles: "podemos fazer tantas perguntas quantas coisas podemos saber" (Anal. Post. n^o 1, 89 b, 23, cit. por Ladányi, 1962:203).

4. Reinchenbach não menciona os enunciados disjuntivos no capítulo dedicado à modalidade dos enunciados. Ora, as disjunções assertivas opõem-se regularmente, na comunicação, às disjunções interrogativas. Seguindo os princípios de notação propostos por esse autor, poder-se-ia simbolizar frases do tipo a) **Você vem ou não vem?** por:

$? (p \vee \bar{p})$

onde o traço horizontal exprime a negação e "p" representa um enunciado qualquer. A questão alternativa b) **Você vem ou vai ficar em casa ?** apresenta uma estrutura:

$? (p \vee q)$

onde "p" e "q" representam dois enunciados diferentes. Distinguindo-se os componentes principais do enunciado, torna-se necessário salientar que se trata de uma alternativa que concerne às funções f (vir) e g (ficar em casa).

⁶ Hermann Paul (1920:135, nota 2) chama a atenção para as contradições que caracterizam a categorização dos enunciados interrogativos: "Ainda não se conseguiu até hoje encontrar uma terminologia apropriada para estes dois tipos de questão. Delbrück (Syntaktische Forschungen 1:75) chama às primeiras "perguntas de explicação" (Verdeutlichungsfragen) e às segundas, "perguntas de confirmação" (Bestätigungsfragen). Imme, lugar citado I,15, adota o segundo termo, substituindo o primeiro por "orações de determinação". Mas a mim parece-me ser precisamente a expressão "perguntas de confirmação" pouco apropriada, porque ela implica a expectativa de uma resposta positiva. Suchier diz-me que o seu professor Feussner empregou as expressões "interrogação de frase" (Satzfrage) e "interrogação de palavra" (Wortfrage) que de qualquer forma são melhor adaptadas à realidade. Outras expressões mais ou menos apropriadas são "questão de decisão" (Entscheidungsfrage) e "questão de complemento" ((Ergänzungsfrage). A. Noreen ocupa-se desses tipos de frase no seu estudo "Två olika slags fragesatzer" (Språk och stil 1,1) Propõe os termos rogativ e quaesitiv".

$$(\exists f, g) f(x) \vee g(x)$$

A fórmula abrange igualmente questões alternativas como "O telhado é vermelho ou cinzento?".

A mesma função pode ser também atribuída alternativamente a dois sujeitos diferentes. "Foi o telhado ou a chaminé que desmoronou?":

$$\exists (x, y) f(x) \vee f(y)$$

onde "x" corresponde a "telhado" e "y" a "chaminé".

5. Dentre os termos lógicos de capacidade pragmática ("terms in a pragmatic capacity"), Reinchenbach considera a modalidade imperativa: $\exists p$ simboliza uma ordem positiva ("Vá embora!"), $\exists \bar{p}$ uma ordem negativa ("Não vá!"). A modalidade imperativa não é incompatível com a modalidade interrogativa. Hermann Paul (1920:135) chamou a atenção para a existência de ordens interrogativas ("Frageaufforderungen"). V-V. Vinogradov (1950:675) concede igualmente a elas um lugar de destaque. Segundo os mesmos princípios, poderíamos representar frases como "Devo vir?" por $\exists p$, ou "Que devo fazer?" (Quid faciam) por $\exists f$ ($\exists f(x)$).

6. Péter Ladányi (1965) distingue, a partir dos princípios formulados por Bolzano (1914-15), as questões **determinadas** (bestimmt) das questões **indecisas** (unbestimmt). As primeiras têm uma estrutura sintática nítida, correspondendo a um tipo determinado de enunciado. As questões precedentemente analisadas pertencem todas a essa primeira classe. A estrutura lógica das questões indecisas é, ao contrário, ambígua. Uma questão como "O que há de novo?" não corresponde necessariamente ao que aparenta ser, isto é, uma questão sobre o argumento, à qual teríamos de responder por "há x de novo". Da mesma forma a questão francesa "Ça va?" (Tudo bem?) poderia ser interpretada seja como uma questão total $\exists p$, a partir de sua forma lingüística, seja como uma questão parcial do tipo $\exists f(x)$, como ocorre com sua variante "Comment ça va?" (Como vai?) (Ladányi, o.c.).

B. A análise sintática determina as relações entre os elementos do enunciado. À **análise semântica** (na acepção que a metalógica dá a esse termo) importa os elos existentes entre o enunciado e seu sujeito. Não se trata aqui, está claro, do sentido concreto dos enunciados, do qual faz-se abstração, mas do aspecto global da enunciação, do modo de empregar o enunciado.

Deve-se também distinguir o nível objetivo do nível lingüístico da análise distinção preconizada já por S. Tomás de Aquino, que opõe os julgamentos **de re** aos julgamentos **de dicto**: um cão que tem quatro patas e um "cão" composto de três letras.

Essa distinção concerne igualmente às frases interrogativas e nos permite pôr em evidência a diferença fundamental que há entre questões que se referem a objetos, a eventos (ao universo não verbal), e questões que se referem a enunciados precedentes.

A pergunta "Que entrada?", por exemplo, pode ser feita a respeito de uma entrada de teatro pelo Sr. Silva a sua esposa, que comenta o preço de uma entrada (questão objetiva), ou a propósito da frase precedente da Sra. Silva ("Que entrada?"), que finge ignorar de que entrada se trata. Nesse último caso, é uma questão (objetiva) que é posta em questão, é uma questão à segunda potência:

? "p", ou ainda "(?x) f (x)"

As questões à segunda potência exprimem-se freqüentemente através de questões indiretas elípticas: "(Você está me perguntando) se eu recebi o livro?", "(Você está me perguntando) o que foi que eu recebi?". As questões que visam uma questão total ("p") serão sempre introduzidas por se, e as que se referem a uma questão parcial, por um pronome, adjetivo, ou advérbio interrogativos.⁷

A questão metalingüística diz respeito freqüentemente a uma asserção anterior. O interlocutor pode ter dúvidas quanto ao enunciado como um todo: "p", ou colocar em questão uma só parte desse enunciado: "f (x)", ou "x f(x)".

Pilipenko (1965) distingue com razão os pedidos de verificação dos pedidos de precisão. Enunciados como ing. "I beg your pardon?", fr. "Pardon?", port. "Como é que você disse?" deverão supostamente desencadear a repetição do enunciado precedente.

Os pedidos de precisão se fazem de duas maneiras diferentes: seja com o concurso de pronomes interrogativos - "J'ai vu qui?" (cf. Huddleston e Uren, 1969:11), "Peter went where?" (cf. Schmidt-Radefeldt, 1973); seja por uma espécie de aspas tonais sobre a passagem em questão ("Eu? Seu amante?", "Perdoá-lo?").

Evidentemente a escolha entre os dois processos não é arbitrária. Repetindo a passagem que pretendemos não ter escutado bem, dramatizamos a incompreensão moral ("Não posso acreditar no que ouço! Você ousou dizer que...?"). A "questão eco" é portanto necessariamente uma questão metalingüística afetiva, que exprime a incredulidade, a indignação - um verdadeiro "questionamento". Em diversas línguas a questão incrédula exprime-se com o auxílio de um morfema interrogativo particular. Em russo, *rasv'* e associa à modalidade interrogativa a atitude de desconfiança, *neuzel'i* a de surpresa, de indignação. *Ne... li* exprime a quase certeza (Fougeron 1974:14 ss). Em búlgaro temos ao lado de *li* (partícula interrogativa não marcada), *nimá*, exprimindo a

⁷ Essas frases constituídas por substitutos interrogativos de classes de palavra sem conteúdo concreto prestam-se admiravelmente a certas experiências. Podemos assim, medir a freqüência das pausas entre os dois termos de uma dessas frases "vazias" e determinar a probabilidade das pausas em função da estrutura sintática, fazendo-se abstração do conteúdo concreto das palavras (Fónagy, 1981). As frases "vazias" pronunciadas sugerindo diferentes emoções e atitudes poderiam servir de base à análise da expressividade vocal.

surpresa, e **nali** implicando a súplica. O morfema **i** - em substituição à partícula interrogativa neutra \bar{u} / \bar{u} / \bar{u} / \bar{u} - exprime em mongol o espanto, a dúvida.

C. A relação entre o enunciado e o locutor constitui a terceira dimensão da análise, conhecida como **pragmática** (cf. Carnap 1939:5 ss). Em sua análise perspicaz das frases interrogativas, Péter Ladányi (1965) nos oferece uma matriz pragmática permitindo encarar-se os enunciados interrogativos sob um novo ângulo. Para situarmos um enunciado numa ou noutra "casa", temos de determinar se o locutor e seu interlocutor conhecem ou não a resposta à questão em causa:

Situações	Locutor (A)	Interlocutor (B)
(1)	+	+
(2)	+	-
(3)	-	+
(4)	-	-

Matriz pragmática das situações interrogativas. O sinal "+" indica que o locutor (ou o interlocutor) conhece a resposta, "-" indica que ele a ignora.

Dentre essas quatro categorias uma única apenas, a terceira (-A, +B), apresenta as condições pragmáticas necessárias e suficientes à gênese de uma verdadeira questão. Seria de se esperar que todas as questões - totais, parciais, alternativas e outras - pertencessem a essa categoria e que as outras categorias permanecessem vazias. Ora, não é o que se passa.

A classe (1) é particularmente densa. Ela regrupa as questões factícias. Ladányi distingue dois tipos dessas questões: as litúrgicas - que perpetuam um diálogo entre padre e fiéis e que fazem reviver descobertas ao longo dos séculos - e as retóricas. Durante o jantar ritual da páscoa dos judeus (seder), cabe ao mais jovem dos convivas fazer uma série de perguntas (p.ex. "O que distingue esta noite das demais?"), perguntas essas que permitem ao anfitrião evocar cenas históricas e interpretar a cerimônia.

A cerimônia nupcial dos bésis (Malai) consiste em um longo diálogo cantado, durante o qual a jovem noiva faz uma série de perguntas ao seu futuro esposo.

As questões ciceronianas permitem ao orador subjugar os ouvintes por meio de questões formais de extensão crescente, utilizando o possante mecanismo da tensão e da distensão, fonte principal, senão a única, das sensações agradáveis segundo De la Grasserie (1892). Com efeito, a própria existência da questão poética enquanto figura de retórica põe em evidência o caráter lúdico, estético, da modalidade interrogativa, geradora de tensão.

O sistema inglês das "tag-questions", às quais se acrescenta seja **do you**, se se espera uma resposta negativa, seja **don't you**, na expectativa de uma resposta positiva, supõe uma previsão das reações do interlocutor que exclui de início estas questões do grupo (3), o das questões verdadeiras, (-A, +B), assimilando-as às questões ciceronianas do grupo (1).

A língua inglesa não tem certamente o privilégio de engendrar questões retóricas cotidianas. Diversas línguas, aparentadas ou não, utilizam diferentes espécies de questões factícias (do tipo +A, +B):

a) o **convite** polido: fr. "Voulez-vous entrer?", ing. "Why wouldn't you have a lunch with us?", al. "Kann ich Sie un Feuer bitten?" (Posso lhe pedir fogo?), hung. "Megkérhetném valamire?" (Posso lhe pedir uma coisa?), port. "Posso lhe ser útil?". J-M. Saddock (1970) designa essas frases pelo termo **whimperatives**. Esse tipo de frase é interpretado pelas crianças americanas de dois anos (e provavelmente pelas crianças inglesas, francesas, alemãs) como um pedido (cf. S. Ervin-Tripp, 1970:82).

b) a **ameaça**: fr. "Veux-tu une paire de claques?" (Você quer um par de palmadas?), "Combien de fois faut-il que je te dise...?" (Quantas vezes eu tenho que te dizer...?), hung. "Voltál már fenéken rúgva?" (Você já recebeu pontapés no traseiro?), russo "Ne stydno l'i tebe tak menja mucit'" (Você não tem vergonha de me atormentar assim?).

Essa espécie de frase - como as questões retóricas em geral - contém regularmente, em russo, a partícula interrogativa que raramente aparece na conversação cotidiana nas questões "verdadeiras", do tipo (-A, +B) (cf. Fougeron 1971:85).

c) a **suposição gratuita**, absurda, exprimindo uma desconfiança irônica: fr. "Tu y crois encore au Père Noel, toi?" (Você acredita ainda em Papai Noel?), hung. "Talán a szomszédék macskája vitte el?" (Será que foi o gato do vizinho que sumiu com ele?), port. "Você ainda acha que ele é um santo?". O húngaro utiliza uma marca específica (csak, "somente") em um tipo de hipótese absurda, sobretudo nas que não são suficientemente absurdas para poder dispensar marcas: "Csak nem vagy rám féltékeny?" (Mas você não está com ciúmes de mim, eu espero...).

d) o **insulto** (suposição injuriosa): fr. "Tu n'es pas un peu cinglé, dis?" (Você não é um pouco biruta não?), hung. "Nincs benned egy csöpp szemérem sem?" (Você não tem um pingo de pudor não?).

No grupo (2) (+ A, - B) temos uma curiosa inversão: a pessoa que conhece a resposta interroga quem a ignora. Graças à grande complexidade das relações sociais, não é difícil encontrarem-se situações que preenchem essas condições. Esse esquema pragmático, como o sugere Ladányi, presta-se admiravelmente às adivinhas e a sua forma ancestral, o enigma.

As questões poéticas pertencentes ao grupo (4) destacam-se claramente das questões retóricas propriamente ditas do grupo (1) pelo seu caráter estilístico: as indagações sem resposta da tragédia antiga (Ésquilo, Sete contra Tebas, ou Sófocles, Édipo Rei) fazem pairar a dúvida ou uma vaga ameaça; nas questões que caracterizam as cerimônias mortuárias dos pigmeus das florestas equatoriais ("Onde estão as suas

almas?") a poesia anagógica contribui para criar uma atmosfera preta de mistérios (o famoso poema emblemático de Blake, "The Tiger", contém, em vinte e quatro versos, quatorze questões do tipo (-A, -B); em outros poemas líricos as questões sem resposta refletem uma atitude nostálgica, melancólica ("Mas onde estão as neves de antanho?").

Certas línguas caracterizam as questões problemáticas servindo-se de morfemas interrogativos específicos. Essa é a única função que o húngaro atribui ao morfema *vajon*. Em búlgaro, é o morfema interrogativo *dali* que implica a idéia de incerteza ("Eu me pergunto se...", "Será que é mesmo..."). Em outras línguas é a questão indireta, separada da oração principal, que desempenha esse papel (al.: "Ob wir uns je wiedersehen?", literalmente "Se nós nos revirmos algum dia?", com o sentido de "Quem pode dizer se nós nos reencontraremos?").

CARACTERÍSTICAS MELÓDICAS DAS FRASES INTERROGATIVAS

A. As marcas da modalidade interrogativa

A análise lógica dos enunciados interrogativos não se justifica, no âmbito de uma análise prosódica, senão na medida em que prepara e facilita a análise lingüística dos seus meios de expressão.

Quanto ao aspecto verbal da modalidade interrogativa, pode-se distinguir, em princípio, quatro meios de expressão:

1. A modalidade interrogativa pode ser expressa por signos que se caracterizam pela dupla articulação: "frasilions" (fr. est-ce que, ing. do you, don't you, port. será que), partículas (latim *-ne*, russo *l'i*, polonês *czy*); pronomes, adjetivos ou advérbios interrogativos.

2. A inversão, a mudança na ordem das palavras em relação à frase declarativa neutra pode igualmente ser associada à modalidade interrogativa e desempenhar uma função modal ("Vous venez." / "Venez-vous?"⁸, "You are ready." / "Are you ready?").

3. Em muitas línguas a entoação basta para transformar uma asserção em interrogação (p.ex. em alemão, russo, húngaro, português, etc.).

4. É preciso incluir, finalmente, o contexto verbal entre esses processos, haja vista o número importante de casos onde a modalidade de uma frase deixa de ser unívoca a partir do momento em que se suprime seu contexto.

⁸ Huddleston e Uren (1969:11) mostram bem a oposição que há entre os dois tipos de metaquestão e acrescentam ainda uma nova dimensão, distinguindo as metaquestões com um só elemento desconhecido, das que possuem mais de um: "O que eu disse a Paulo?", versus "O que eu disse a quem?".

B. Estrutura, função, expressão

Existiria uma relação entre a estrutura lógica do enunciado interrogativo, sua função, seu caráter pragmático, de um lado, e a sua expressão verbal de outro lado?

Os meios de expressão dos enunciados do tipo ? p (questões totais) variam segundo as diferentes línguas e até mesmo dentro de uma só língua. O somali, como muitas línguas africanas, caracteriza a questão total pela utilização de um morfema especial, sem recorrer a meios prosódicos. O alemão serve-se da inversão, da entoação, ou de ambas (von Essen, 1956 a). O vogul e o ziriano marcam preferentemente a questão total por uma partícula interrogativa. Esta partícula é por vezes suprimida e substituída por uma entoação interrogativa (cf. Kannisto e Liimola, 1951-59; Fokos-Fuchs, 1951). O árabe clássico não pode se privar do morfema interrogativo; a entoação interrogativa ganha entretanto terreno no árabe dialetal (Kahwaji, 1970:31 ss, Guirguis, 1983). A partícula interrogativa é de uso corrente na maior parte dos dialetos húngaros; a entoação é no entanto a marca principal das questões totais nas grandes cidades. Nos dialetos, assim como na linguagem citadina, os dois processos são equivalentes, o mesmo ocorrendo no tcheco (Romportl, 1973:147 ss). A partícula interrogativa russa - P'i restringe-se à língua escrita.

A ausência ou a presença de uma partícula, da inversão, ou de uma certa configuração melódica não assertiva basta para provocar uma resposta positiva ou negativa do interlocutor, para resolver um problema que admite apenas duas soluções: **sim** ou **não** (p V \bar{p}). Um simples gesto - um movimento da mão, um piscar de olhos - poderia igualmente resolver a situação. Aliás tais gestos interrogativos existem em diversas "línguas": um gesto manual como virar a palma das mãos para cima, ou a elevação das sobrancelhas (cf. Uldall, 1962).

O mesmo não se dá quando se trata de uma questão "**parcial**", isto é, quando ela deve orientar as respostas numa direção precisa, dentre uma vintena de orientações possíveis. Não são então bastantes nem um gesto sintático (uma inversão), nem tampouco um gesto tonal para indicar que se espera uma informação a propósito seja do sujeito do enunciado, seja de uma de suas qualidades, da época, do lugar, da causa de sua atividade, etc. Compreende-se sem dificuldade que nesses casos recorrer-se-á a signos de dupla articulação, sobretudo a substitutos interrogativos das partes do discurso.

Sabe-se entretanto que um certo gênero de questões "parciais" pode apresentar uma entoação interrogativa. São as questões ditas de controle, isto é, as questões metalingüísticas, como por exemplo:

Qu
el
b
i-
l
e
t

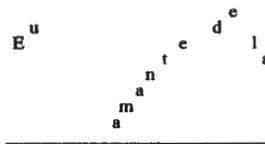
Qu
e
n
t
e
r
d
a

A entoação interrogativa distingue a questão metalingüística de sua "homônima", a questão parcial objetiva correspondente. A questão metalingüística tem uma marca dupla, posto que se trata de uma interrogação à segunda potência: ? " ? p". Sua configuração melódica corresponde exatamente à da questão total, para evidenciar, contrariamente às aparências enganadoras, que não se trata de uma questão "parcial", mas sim de uma pergunta feita globalmente, não pedindo senão uma confirmação ou uma infirmação (uma decisão binária): "Sim, claro, eu lhe perguntei 'Que entrada' (isto é, de que entrada se trata)". A questão metalingüística é necessariamente uma questão "total", independentemente do fato de ela visar a) uma questão parcial do tipo (?f) f (x) ou (?x) f (x), ou b) uma questão total precedente do tipo ? p. Em ambos os casos sua estrutura lógica deve ser simbolizada por ? " ?p". Não há, na realidade, diferença alguma, do ponto de vista lógico, entre a metaquestão "O que foi que eu fiz?" (Você está me perguntando o que foi que eu fiz?) ou "Que entrada?" (Você está me perguntando "Que entrada?"), onde as questões a que se faz referência são questões parciais, e "Se eu estou contente?" (Você está me perguntando se eu estou contente?), onde a questão subjacente é "total".

A entoação leva ainda mais adiante essa indiferença, ignorando a modalidade do enunciado que é posto em questão. A entoação da questão metalingüística que se refere a um enunciado assertivo será idêntica à de uma metaquestão provocada por uma questão total ou parcial do interlocutor.

Isso é válido para o francês, português, espanhol, alemão, russo, tcheco ou húngaro.

Uma metaquestão como "Eu, amante dela?" pode corresponder tanto à questão prévia "Você é amante dela?", quanto a uma asserção categórica "Você é amante dela!".



Teríamos portanto de simbolizar a questão metalingüística por ? " p", onde "p" representaria qualquer enunciado assertivo ou interrogativo.

Em várias línguas (o tcheco, o húngaro), a questão total marcada por uma partícula interrogativa não o é pela entoação. Nessas línguas, a entoação interrogativa transforma a questão total objetiva (**de re**) em uma questão à segunda potência, em uma metaquestão (**de dicto**). Tal fato parece estar perfeitamente de acordo com as regras da economia lingüística e da lógica. Há entretanto outras línguas, como o russo (Fougeron, 1974), o polonês, nas quais podemos (e devemos) conferir uma entoação interrogativa às questões marcadas pelas partículas interrogativas (rus. l'i, pol. czy), sem que por isso a frase se transforme numa metaquestão.

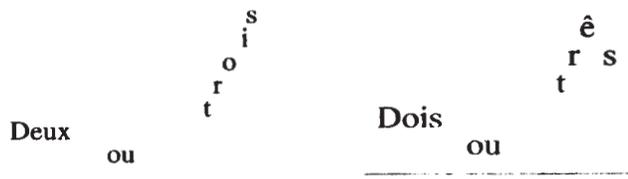
Seria sem dúvida prematuro concluir daí, a partir de certas relações entre a estrutura sintática do enunciado e sua expressão verbal, que há uma correspondência perfeita entre análise lógica e comportamento tonal.

A entoação das questões "alternativas" (disjuntivas) contrasta em francês, assim como em português, inglês, russo, húngaro, com a entoação interrogativa que temos na questão total. Mas é, por outro lado, espantosa a negligência, a indiferença com a qual certas línguas toleram a homonímia ou a quase homonímia melódica entre disjunções assertivas ("É branco ou preto.") e disjunções interrogativas ("É branco ou preto?"), sem falar na oposição fundamental que há entre a disjunção concessiva, que admite simultaneamente a validade das duas alternativas ("branco e / ou preto") e a disjunção exclusiva, que não admite essa eventualidade ("branco ou preto, mas não ambos ao mesmo tempo"). Deveríamos esperar que as línguas distinguíssem, com o auxílio da entoação - na ausência de outros meios - quatro alternativas:

simultaneidade ou não das alternativas	disjunção concessiva	disjunção exclusiva
modalidade		
asserção	$p \vee q$	$p \wedge q$
questão	$? (p \vee q)$	$? (p \wedge q)$

Ora, nos damos conta de que essas quatro alternativas se sobrepõem parcial ou totalmente no plano da expressão prosódica. Não é assinalada distinção alguma para os enunciados disjuntivos, assertivos e interrogativos, do inglês. Uma análise acurada dos enunciados disjuntivos do húngaro revela não existir um traço melódico constante, de caráter lingüístico, suscetível de distinguir as disjunções interrogativas das disjunções assertivas. As tentativas, mais ou menos bem sucedidas, de diferenciá-las situam-se sobretudo no plano da fala, e praticamente não ultrapassam o nível da improvisação (Fónagy e Magdics, 1963). As questões disjuntivas do francês, por outro lado, demarcam-se com bastante nitidez das asserções disjuntivas, embora haja uma certa semelhança entre as curvas da entoação desses dois tipos de frase (Fónagy e Bérard, 1980).

O locutor pode dar a uma questão disjuntiva a melodia da questão total:



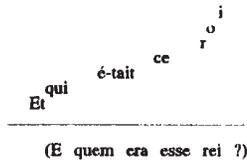
A disjunção nesse caso será apenas aparente. A alternativa "dois ou três" não estará em jogo. O enunciado opor-se-á globalmente a outras possibilidades virtuais não explicitadas: "dois ou três (ou mais)", "dois ou três (ou nada)", etc.: (a V b) V c. Ou seja, trata-se efetivamente aqui de uma questão total, conforme indica a entoação.

A entoação não é indiferente, por outro lado, ao **aspecto pragmático** da interrogação. A ausência de uma expectativa real de solução pode levar a um enfraquecimento ou mesmo à perda total da tensão tonal que caracteriza as verdadeiras questões (não marcadas por morfemas) do grupo (3). As pseudo-questões (+ A, +B) do grupo (1), e especialmente as questões imperativas ou os convites polidos e as questões que ameaçam ou são injuriosas, deixam frequentemente transparecer através dos meios prosódicos a atitude real do locutor, camuflada por uma expressão interrogativa. As questões totais poéticas do mesmo grupo, ao contrário, conservam geralmente a entoação interrogativa, que permanece funcional, embora mudando de função, a função lúdica substituindo a função modal.

As questões totais (não marcadas) do grupo (4) (-A, -B) utilizam-se frequentemente, em francês como em outras línguas, da queda melódica suave, própria da atitude resignada: "Mais viendra-t-il vraiment?" (Mas ele virá mesmo?), "La vie est-elle un songe?" (Seria a vida um sonho?). (Aliás a inversão sujeito / verbo está longe de ser incompatível com a entoação interrogativa).

A entoação depende ainda da resposta que o locutor espera. Nas questões totais neutras russas, o tom sobe até o final da sílaba acentuada. O locutor não prevê, nesse caso, a resposta do interlocutor. A expectativa de uma resposta positiva reflete-se numa melodia ascendente-descendente (Fougeron, 1971:61).

A inversão dos papéis que caracteriza a situação (+ A, -B) (quem conhece a resposta é quem faz a pergunta) parece ter originado uma configuração melódica particular. Em diferentes línguas não aparentadas temos nas questões parciais uma subida tonal progressiva, lenta:



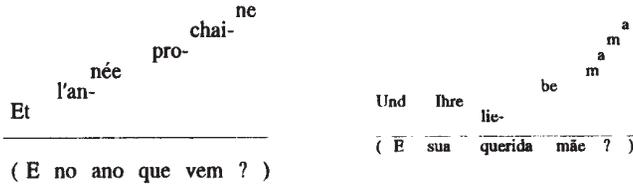
(E quem era esse rei ?)

Encontramos, curiosamente, essa configuração melódica em inglês, alemão, espanhol (Guzmán, 1973), russo (Bratus, 1972; Fougeron, 1971), húngaro (Fónagy e Magdics, 1963), japonês.⁹

⁹ Sabe-se que o uso da inversão está perdendo terreno no francês moderno. O linguajar familiar ignora-se quase totalmente. É portanto surpreendente constatar a importância exclusiva que R-W. Langacker (1966) atribui à inversão no âmbito de uma análise transformacional do francês, análise detalhada e rigorosa, ignorando (voluntariamente?) as formas interrogativas mais usuais.

QUESTÕES PARTICULARES, DECLARATIVAS, IMPLICATIVAS

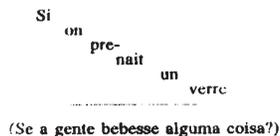
No que tange a essas questões, tampouco há uma simples correspondência direta entre formas melódicas e as categorias sugeridas pela análise lógica. Na realidade a configuração melódica das questões "professorais", a melodia das adivinhas, aparece em muitas outras situações. Ela parece relacionar-se com a presença da conjunção "e" inicial.



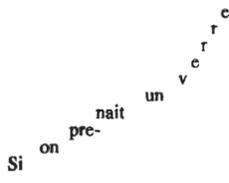
Trata-se de uma questão **elíptica, alusiva**, que diz respeito a algo que foi dito anteriormente. Esse tipo de questão faz referência ao assunto em pauta e não a sua expressão lingüística, como ocorre nas questões metalingüísticas. Essas questões alusivas são objetivas (**de re**) e reais (do tipo -A, +B) e nada têm em comum com as adivinhas. São antes as questões precedentes, "professorais", que poderiam ser assimiladas às questões alusivas ("Acaba-se de dizer que se tratava de um rei. Está correto. Seria necessário no entanto precisar que rei é esse"). A posição inicial da conjunção "et" não desencadeia esse padrão melódico num frase não elíptica, não alusiva, como "E você deixou-a sozinha?".

Acrescentemos que a subida melódica gradativa nas questões alusivas, que não se afasta muito da configuração melódica das questões totais do francês ou do inglês, difere inteiramente da entoação interrogativa do russo, do alemão ou do húngaro.

As questões **hipotéticas** também apresentam particularidades melódicas. Trata-se ainda aqui de uma frase elíptica. É preciso distinguir cuidadosamente as questões hipotéticas metalingüísticas das questões hipotéticas objetivas (distinção que nem sempre é observada, cf. Huddleston e Uren, 1969:24). Em francês, onde esse gênero de frase é muito difundido e é altamente gramaticalizado, a entoação não deixa subsistir ambigüidade alguma: nas questões objetivas (**de re**), o tom cai suavemente, por quartos de tom, localizando-se num nível médio:



Nas questões metalingüísticas (**de dicto**), o tom sobe, como na questão total:

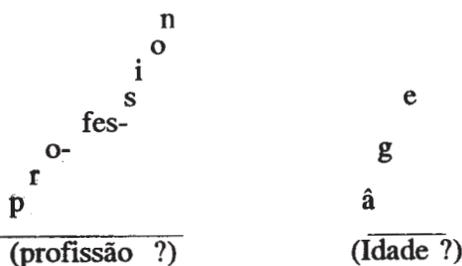


tendo essa questão o valor de "Você está me perguntando" se a gente bebesse alguma coisa?"". Nenhuma dessas duas frases poderia ser confundida com a frase interrompida correspondente: "Se a gente bebesse alguma coisa...". As três curvas de entoação são nitidamente distintas.

Em francês, como em outras línguas, utiliza-se a frase interrompida, fragmentária, para provocar uma reação verbal, a continuação do enunciado que permaneceu inacabado: "Se a gente bebesse alguma coisa..." (O que aconteceria então? O que você quer dizer exatamente?).¹⁰

As frases fragmentárias têm um caráter imperativo e não podem ser assimiladas às frases interrogativas elípticas.

Não se poderia entretanto recusar o estatuto de frases interrogativas aos vocábulos-frases do tipo "questionário", característicos dos empregados das repartições públicas:



¹⁰ Uma anedota clássica, muito conhecida nos países danubianos às vésperas da Primeira Guerra Mundial, ilustra a importância dos contrastes pragmáticos nas frases interrogativas:

- Diga-me, Bacharach, porque todo soldado deveria, a qualquer momento e de bom grado, sacrificar sua vida pelo imperador?

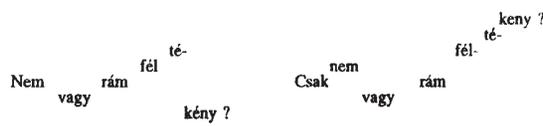
- Com efeito, meu tenente, porque deveria ele fazê-lo?

A ambigüidade pragmática da primeira questão, que poderia ser tanto do tipo (+ A, -B) (questão do examinador) quanto do tipo (+ A, + B) permite ao recruta interpretá-la, na ausência de índices melódicos, a seu modo.

As frases interrogativas do tipo **questionário** (ou "preenchimento de lacuna") são frequentes em todos os países "civilizados" (administrados), e a entoação dessas frases rudimentares é comparável à das questões alusivas introduzidas por "e".¹¹

As **suposições** podem igualmente assumir um caráter interrogativo. Uma frase como "Você não está sendo um pouco indiscreto, por acaso?" opõe-se claramente à suposição explícita assertiva correspondente ("Eu acho que você está sendo um pouco indiscreto").

Em francês, a entoação das **suposições** interrogativas praticamente não difere da das questões totais. O seu movimento melódico pode entretanto ser um pouco freado, e seu intervalo tonal reduzido. Em outras línguas uma divergência qualitativa reflete o estatuto particular do sub-grupo supositivo. Assim, no húngaro, a questão total "**Nem vagy rám féltékeny ?**" (Você não está com ciúmes de mim ?) tem uma melodia ascendente-descendente, enquanto a suposição interrogativa correspondente "**Csak nem vagy rám féltékeny**" (Mas você não está com ciúmes de mim, eu espero) apresenta uma melodia ascendente:



Precisamos que o advérbio **csak nem** (literalmente "não somente") pode ser considerado como uma marca especial própria às frases supositivas, interrogativas, negativas.

A análise de dois **corpus** diferentes, um gravado em Michigan, o outro em Paris, compostos de conversas espontâneas e de jogos verbais (jogo das personagens) levou os autores (Fónagy e Bérard, 1973) a admitirem uma classe de **quase-questões**, de questões assertivas, ou de **asserções interrogativas** (cf. Fries, 1964, Grundstrom, 1973). A classe das quase-questões regrupa, segundo Grundstrom, a) pedidos de confirmação, b) suposições, c) vocábulos sugeridos (que o interlocutor parece procurar mentalmente), d) questões fragmentárias, das quais pronunciamos somente a primeira parte.

As asserções interrogativas encontradas durante um "jogo das personagens" formam uma classe homogênea tanto do ponto de vista do conteúdo como do da expressão. Trata-se sempre de uma asserção um tanto hesitante, pedindo sua confirmação ou infirmação. A entoação dessas frases difere inteiramente da das questões

¹¹ Segundo o testemunho de fitas magnéticas, meu filho Pedro serviu-se desse procedimento aos cinco anos para lembrar a sua irmã (que tinha então sete anos) que ela não terminara uma frase cuja continuação o intrigava visivelmente: "Ep megették a halat..." ("Eles mal acabaram de comer o peixe...").

totais simples, sem no entanto coincidir com a das frases assertivas (Fónagy e Bérard, 1973:59 ss, 73)

Encontramos asserções interrogativas em outras línguas, como em alemão (von Essen, 1956a, 1956b), em húngaro (Fónagy e Magdics, 1963). Em inglês, constituem elas a fórmula interrogativa por excelência, composta de uma asserção, apresentada como hipótese, seguida obrigatoriamente de um complemento interrogativo (do you, don't you, have you, haven't you, etc.).

CARÁTER ESPECÍFICO DA QUESTÃO TOTAL

A filosofia clássica identificou a interrogação com a asserção incompleta ou problemática. Tentativas mais recentes assimilaram-na à frase inacabada (Malmberg, 1966, Hultzén, 1962), à primeira parte da asserção disjuntiva (Stockwell, Schachter, Hall-Partee, 1973), ou ainda a atitudes emotivas como a surpresa, a dúvida (cf. Mettas, 1966, Huttar, 1967:75 ss, Höffe, 1960).

A. Frase interrogativa - Frase inacabada

Segundo Bertil Malmberg (1966), a entoação deve ser interpretada no nível lingüístico como um sistema nitidamente binário, possuindo uma única oposição: entoação terminal *versus* não terminal. Essa última engloba a um tempo a entoação das frases inacabadas e a das questões totais. Essa concepção corresponde à de Hultzén que, na sua contribuição apresentada ao Congresso Internacional de Fonética de Helsinki, distinguiu duas grandes categorias: a das frases "abertas" e a das frases "fechadas". Com o mesmo espírito, embora de forma menos categórica, Brysgunova (1969:86) propõe que se grupe a frase interrogativa e a frase inacabada. O modelo tensional da frase - unidade de tensão e de distensão - proposto por Karcevskij (1931) poderia estar na origem dessas teorias. A busca da tensão que parece caracterizar a entoação das frases interrogativas as associa de forma evidente aos enunciados inacabados. Essa relação evolutiva entre as duas categorias situa-se no plano da linguagem humana. Seria entretanto injustificado fundir-se, numa descrição sincrônica do sistema prosódico do russo, do tcheco, do alemão, do francês ou do português, a dimensão "inacabada/acabado" com a dimensão "interrogativo/não interrogativo". Uma frase interrogativa pode ser acabada ou não acabada, tanto quanto o pode uma frase assertiva. A validade e a importância dessas distinções foram salientadas por Otto von Essen (1956a) para o alemão; para o tcheco e para o russo por Milan Romportl (1973:142, 145); para o francês por Pierre Delattre (1966, 1969).

Segundo testes de percepção, a confusão entre uma frase inacabada e a questão total neutra é, no francês, negligenciável, da ordem de 0,8% a 3,3% (Fónagy e Bérard, 1973:83).

Em línguas onde a questão total termina por uma descida ao nível tonal de base - como o russo, o alemão ou o húngaro - a confusão entre as questões totais e as frases declarativas inacabadas é inconcebível.

B. Questões totais - Asserções disjuntivas

Outros autores (Stockwell, Schachter e Hall-Partee, 1973; Chafe, 1968; Bolinger, 1978) tentaram ver mais de perto a relação entre a subida melódica da interrogação e a frase inacabada, derivando a subida característica da questão total do ramo ascendente do primeiro membro do enunciado disjuntivo - Either you tell him (RISE), or I will (FALL) (Ou você diz a ele, ou eu o farei) - conforme a proposta de Katz e Postal (1964), que interpretam a questão total do tipo "Did you give a book to John?" como "You gave the book to someone" + morfema interrogativo.

Essa interpretação tem a vantagem de levar em conta simultaneamente a expressão verbal (a subida tonal) e o seu conteúdo, isto é, a relação semântica que há entre um enunciado alternativo (disjuntivo) e uma questão. Além disso, ela aproxima essas duas categorias sem por em questão sua independência respectiva no plano das realizações concretas.

Os inconvenientes persistem todavia tanto no âmbito da interpretação semântica como sobretudo no de sua expressão melódica. A coincidência melódica entre "(Either) you tell him..." e "You tell him?", ainda que não seja puramente casual, não constitui um fato universal. Assim, no enunciado disjuntivo húngaro o tom é "flutuante" na primeira parte do enunciado, independentemente do seu número de sílabas:

$\begin{array}{ccc} & \text{fe-} & \\ \text{kék} & & \\ \text{vagy} & & \text{hér.} \end{array}$ <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p style="text-align: center;">azul ou branco</p>	$\begin{array}{ccc} & \text{fe-} & \\ \text{fe- hér} & & \\ \text{vagy} & & \text{ke-te :} \end{array}$ <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p style="text-align: center;">branco ou preto</p>	$\begin{array}{ccc} & \text{fe-} & \\ \text{fe-ke-te} & & \\ \text{vagy} & & \text{hár :} \end{array}$ <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p style="text-align: center;">preto ou branco</p>
--	--	---

Já a entoação da frase interrogativa depende, ao contrário, do número de sílabas. As três configurações melódicas das questões totais correspondentes serão sempre qualitativamente diferentes das que essas palavras assumem enquanto primeiros membros de uma frase disjuntiva:

$\begin{array}{ccc} & \text{k ?} & \\ & \text{é} & \\ \text{k} & & \end{array}$ <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p style="text-align: center;">azul ? (monossílabo)</p>	$\begin{array}{ccc} & \text{é} & \\ \text{fe- h} & & \\ & \text{é r?} & \end{array}$ <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p style="text-align: center;">branco ? (dissílabo)</p>	$\begin{array}{ccc} & \text{ke-} & \\ \text{fe-} & & \\ & \text{te ?} & \end{array}$ <hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p style="text-align: center;">preto ? (trissílabo)</p>
---	--	--

Downing (1974) rejeita, baseando-se em frases inglesas, a interpretação proposta por Chafe.

Encontramos dificuldades análogas em russo, em francês, entre outras línguas.

Quanto à interpretação semântica, tanto a questão total quanto a questão disjuntiva apresentam uma alternativa e exigem uma decisão do tipo binário ("sim" ou "não", "isto" ou "aquilo"). Uma questão total como **Você vem?** poderia contudo ter como alternativa "**Você não vem**" tanto quanto "**Você vai**". Assim, vários enunciados disjuntivos poderiam subtender a mesma questão total (cf. Hirst e Ginesy, 1974).

Hirst e Ginesy não tem razão, no entanto, quando identificam a entoação descendente das questões feitas no "jogo das personagens" com a parte descendente, dessa vez, de um enunciado disjuntivo subjacente. Esta interpretação parece-nos arbitrária. A ausência de uma entoação interrogativa explica-se pela situação particular em que essas questões aparecem: a pessoa que faz as perguntas formula, de um lado, antes hipóteses (produto portanto de metáforas melódicas) e, de outro lado, a situação por si mesma determina o caráter interrogativo do enunciado. Isto é, sendo a modalidade determinada pela situação e pelo contexto, podemos fazer economia da entoação interrogativa.

C. Entoação interrogativa - Entoação emotiva

Tentamos precedentemente distinguir, no plano do conteúdo, a modalidade (interrogativa, imperativa, desiderativa) das emoções.

As interferências que existem no plano da expressão poderiam entretanto indicar que a linguagem não faz essa distinção de maneira tão nítida, tão categórica, quanto nossa descrição poderia fazer supor.

Odette Mettas, a quem devemos os primeiros testes de percepção entoacional baseados na apresentação de frases francesas sintetizadas, chega à conclusão de que a expressão da modalidade interrogativa não se distingue claramente da de certas emoções. A partir de resultados obtidos com testes de percepção utilização frases que apresentam ligeiras modificações graduais, sucessivas, da curva da frequência fundamental, sustenta essa autora que "uma frase ligeiramente interrogativa passa sucessivamente por matizes de simples questão, de dúvida, de surpresa" (Mettas, 1964:184). O histograma que resume as informações fornecidas pelos testes mostra uma sobreposição parcial de duas categorias, a da **questão** e a do **espanto**: "a surpresa não era na realidade", segunda a autora, "senão uma nuance mais ou menos presente da interrogação" (p.187) (cf. Lyons, 1977).

Dada a importância teórica dessa conclusão, não poderemos evitar uma breve discussão do método utilizado por Mettas. A autora, apresentando as variantes sintetizadas de uma frase francesa, pediu a seus ouvintes que precisassem "que nuance auditiva eles percebiam" (p.184), sem propor a eles categorias emotivas ou modais. Os

ouvintes poderiam portanto assinalar¹² seja a atitude emotiva sem precisar a sua modalidade, seja a modalidade sem indicar a atitude emotiva que a acompanhava. É portanto teórica e praticamente impossível saber-se se um determinado ouvinte que assinalou, para um dado enunciado, a categoria "surpresa", tinha-o percebido como uma pergunta ou como uma resposta surpresa, ou se um outro que indicou "questão" atribuía ou não a essa questão uma nuance emotiva.

A intersecção que os histogramas mostram não pode portanto confirmar nem infirmar a ambigüidade modal da entoação francesa: a sobreposição é inevitável devido à escolha arbitrária de dez categorias "reunidas na diagonal em ordem crescente" (p. 184) onde se acham lado a lado categorias que sobrepõem-se forçosamente, tais como a **interrogação**, o **espanto**. Com efeito, qualquer questão pode ser dita com espanto ou não. A atitude de espanto admite a interrogação sem impô-la.

A ambigüidade é portanto aqui de natureza antes metalingüística que lingüística e as confusões apontadas pela autora no decorrer da análise poderiam ser devidas a causas de ordem metodológica.

Tal fato não exclui uma superposição efetiva da entoação interrogativa neutra e da entoação exclamativa (emotiva) não interrogativa, ou da entoação interrogativa emotiva (implicativa) e da entoação declarativa neutra.

Tais superposições foram analisadas, com efeito, em várias línguas.

Elisabeth Uldall (1962) chamou a atenção e quantificou a ambigüidade de uma determinada entoação assertiva, implicativa, do inglês: queda tonal progressiva, seguida de uma subida final moderada, padrão melódico esse que parece justificar plenamente a freqüência observação: "Are you asking or telling me?" (Você está perguntando ou afirmando?) que a autora escolheu como subtítulo de seu artigo. Certos testes preliminares de George Lee Hutter (1967:69-87) indicam da mesma forma que a entoação emotiva assertiva pode sugerir uma questão (neutra ou emotiva) e vice-versa. São sobretudo as asserções que exprimem surpresa ou alegria que os ouvintes têm tendência a interpretar como uma questão (neutra ou surpresa). Por outro lado as questões exprimindo tristeza são frequentemente tomadas por frases declarativas.

As asserções interrogativas do francês moderno são corretamente identificadas (isto é, como questões) no seu contexto natural. Isoladas do seu contexto 54,6% das questões são interpretadas como asserções (Fónagy e Bérard, 1973). Da mesma forma, 56,2% das questões implicativas, isto é, contendo mensagens latentes, foram interpretadas como "exclamações" (asserções emotivas ou implicativas). As confusões são extremamente raras, por outro lado, entre as asserções e as questões neutras.

Irina Fougeron (1971, 1974) assinalada casos de homonímia parcial a propósito da entoação de frases interrogativas russas. A entoação da questão total "Moj brat pr'id'ot?" (Meu irmão saiu?) e a da asserção categórica "Moj brat pr'id'ot" (É o meu irmão que acaba de sair.) parecem sobrepor-se. Apresentando-se aos participantes

¹² As formas melódicas das questões alusivas do tipo "lacuna a preencher" assemelham-se entre si bem mais, nas línguas em que foram analisadas, que as das questões totais neutras.

do teste de percepção apenas a primeira metade da frase, que contém a sílaba acentuada e a pré-acentuada (**Moj brat**), não são eles capazes de distinguir a modalidade das duas frases, sendo a distribuição dos votos aleatória (1971:33). Os mesmos indivíduos determinaram sem dificuldade a modalidade das frases completas. Ou seja, havendo coincidência melódica da parte central das duas frases, são as sílabas finais, átonas, que passam a distingui-las.

Parece provável que em tais casos as frases nominais "**Moj brat?**" e "**Moj brat!**" seriam confundidas fora de seu contexto, em uma situação experimental análoga.

Mesmo em línguas como o alemão ou o húngaro, que dão às asserções e às questões totais neutras configurações qualitativamente diferentes, evitando dessa forma qualquer confusão, temos a quase homonímia melódica nos enunciados implicativos. Assim, o húngaro, o esquema entoacional descendente-ascendente corresponde ao mesmo tempo à frase interrogativa monossilábica ("Jó ?", Está bem ?) e à asserção implicativa que exprime uma atitude bem característica: "Bem, se você quer assim, por mim tudo bem, mas...". Da mesma forma, o esquema ascendente-descendente corresponde simultaneamente à asserção categórica e à questão implicativa que exprime a incredulidade. É necessário precisar, entretanto, que no primeiro caso a homonímia é apenas aparente. Trata-se, na verdade, de duas formas de entoação diferentes. Nas questões, a subida ultrapassa sempre o nível inicial, o que não ocorre nas asserções implicativas. A confusão é possível, no entanto, no caso das frases com melodia ascendente-descendente (Fónagy, 1969).

EM BUSCA DOS TRAÇOS DISTINTIVOS PROSÓDICOS

Antes de tentarmos interpretar do ponto de vista funcional (lingüística) e psicológico essas confusões embaraçosas, parece-nos útil debruçarmo-nos sobre os meios e os métodos que o foneticista dispõe para tentar determinar os traços distintivos prosódicos.¹³

As primeiras análises da entoação - como os estudos sugestivos e substanciais de Helène Coustenoble e de Armstrong (1934), de Maurice Grammont (1924), de Armstrong e Ward (1926), de B'álint Csüry (1925), de Trager e Smith (1951), de Kingdom (1958), de Maria Schubiger (1958), de Kenneth Pike (1945), de Georges Faure (1962), de Otto von Essen (1956a), de Peškovskij (1928), etc - baseiam-se na abstração mental das relações existentes entre estruturas sintáticas e conteúdos mentais, de um lado, e as modulações melódicas pertinentes de outro lado.

A objetivação, a formulação consciente de um conhecimento prático, preconsciente, que constitui a nossa "competência lingüística", continuará sendo a base de toda análise prosódica.

¹³ Estudos aprofundados especialmente dedicados ao assunto dispensam-nos de analisar essas técnicas detalhadamente (cf. Léon e Martin, 1970, Mettas, 1971).

As diferentes fases da análise mental foram sucessivamente mecanizadas a partir de fins do século XIX.

A gravação da fala poderia ser considerada uma memorização mecânica, global, da expressão sonora.

Os diferentes métodos que permitem a extração da frequência fundamental (cf. Léon e Martin, 1970) - a partir da análise de Fourier até a análise cepstral (Nool, 1967, 1968) - assim como a representação gráfica das mudanças de frequência (Scripture, 1906) reproduzem no plano material a abstração de um fator físico pertinente, fator esse que é o responsável pela percepção do "movimento melódico".

Análises estatísticas das variações de frequência (e de intensidade) permitem evidenciar os elementos melódicos pertinentes em relação às estruturas verbais às quais eles se acham ligados (cf. von Essen, 1961, Delattre, Poenack e Olsen, 1965).

Um engenhoso procedimento técnico idealizado por Cohen e t'Hart (1967) parece reproduzir fidedignamente o processo mental da abstração. Passagens sucessivas de uma gravação são apresentadas a um indivíduo que deve escolher uma frequência correspondente à do estímulo que ouve, manipulando um osciloscópio. Dessa forma, uma curva contínua de frequência transforma-se automaticamente em uma série de mudanças descontínuas. As simplificações sucessivas dessa curva descontínua geram estruturas melódicas cada vez mais "abstratas", configurações que são quase geométrica, e que correspondem a determinadas estruturas sintáticas de uma dada língua (cf. também t'Hart e Cohen, 1973).

As experiências de Issatschenko e de Schädlich (1966) levaram ao mais alto grau o processo de abstração mecânica. Esses autores substituíram a curva da frequência de frases alemãs naturais de 150 Hz e de 178 Hz, formando duas "linhas melódicas". A "melodia frástica" passa a apresentar portanto apenas passagens bruscas de um nível a outro. Variando o local das "rupturas tonais", pôde-se atribuir diferentes melodias simplificadas à mesma frase:

(1) Er plant eine Rei se

(2) Er plant eine Rei se

(3) Er plant eine Rei se

(4) Er plant eine Reise

(Ele planeja uma viagem)

A primeira variante foi interpretada na maior parte dos casos como uma frase declarativa. A segunda como uma questão, a terceira como uma frase declarativa com ênfase sobre o vocábulo Reise (viagem) e a quarta como uma frase inacabada. Em

81,3% dos casos os ouvintes que participaram dos testes deram respostas "corretas", isto é, de acordo com as previsões. O intervalo entre as duas linhas melódicas pode ser reduzido a um semitom sem que isso comprometa a distinção auditiva das quatro configurações (Issatschenko e Schädlich, 1966). É interessante observar que mesmo nesse nível particularmente elevado de abstração, as frases inacabadas permanecem claramente distintas das frases interrogativas.

As experiências de Issatschenko e de Schädlich pressupõem e provam que são sobretudo as variações da frequência fundamental que caracterizam as configurações melódicas, as estruturas entoacionais. Essa conclusão implícita foi posta em evidência por testes feitos com frases sintetizadas ou manipuladas com um **vocoder**, um "codificador vocal", capaz de modificar um ou vários elementos das frases naturais previamente gravadas (cf. Flanagan, 1965).

Peter Denes fez, já em 1959, incursões pioneiras nesse domínio da intonologia (P. Denes, 1959, Denes e Milton-Williams, 1962). Pôde ele então verificar, entre outras coisas, que o tom elevado, ascendente ("high rise") é geralmente interpretado como o de uma questão (surpresa).

Enquanto Denes, a partir de uma concepção de "tons", de "pitch phonemes", quase independentes da estrutura frástica, apresentou aos ouvintes dos testes variantes melódicas desprovidas de qualquer estrutura verbal, segmental, Elisabeth Uldall conferiu a uma frase inglesa (de modalidade indeterminada) **He'll be here on friday** padrões melódicos lineares, geométricos, como  correspondendo aproximadamente a curvas de frequência fundamental medidas em frases interrogativas e declarativas naturais. Os testes de percepção feitos a partir de quatorze variantes levou-a a concluir que as frases eram interpretadas como questão se a subida melódica (contínua) atingisse o nível mais elevado, independentemente da configuração melódica global. Elas eram percebidas como asserções se o tom descresse, mesmo sem atingir o nível mais baixo do enunciado, sendo que as curvas descendentes-ascendentes eram geralmente interpretadas como asserções se a subida final não ultrapassasse o nível médio. A partir do momento em que a subida final ultrapassava o nível médio, sem todavia atingir o nível mais elevado do enunciado, as opiniões se dividiam. Esse padrão melódico parece corresponder a certas entoações reais de modalidade ambígua (Uldall, 1962).

Esses resultados são comparáveis aos obtidos por Odette Mettas (1964, 1966). A modalidade da frase parece depender da importância da subida final: uma subida discreta é ainda perfeitamente compatível com a modalidade assertiva, uma subida contínua importante conferirá, ao contrário, um caráter interrogativo à mesma frase. Como vimos precedentemente, essa autora pôde igualmente constatar uma superposição das modalidades interrogativa e assertiva, a existência de padrões melódicos suscetíveis de serem interpretados a um só tempo como questões e como exclamações surpresas.

Experiências mais recentes - baseadas na manipulação alternada de três parâmetros: frequência fundamental, intensidade e duração - trouxeram-nos certas precisões. Notou-se que é sobretudo o ângulo da subida, e não sua amplitude, que distingue a exclamação assertiva da questão total. Uma subida contínua, uma curva

côncava (∩) conferem à frase um caráter interrogativo. Uma subida brusca, de igual importância, favorece as interpretações "exclamações assertiva" (∩). Finalmente uma subida lenta, apresentando uma forma convexa (∪), sugere uma frase inacabada (a reflexão, a hesitação). A intensidade pode igualmente ser pertinente em alguns casos, especialmente se o ângulo da subida melódica for médio. Uma curva de intensidade ascendente reforça o aspecto interrogativo da frase. Se lhe substituíssemos uma curva de intensidade onde uma subida rápida é seguida de uma queda igualmente brusca, a frase perderá o seu caráter interrogativo e se transformará numa asserção exclamativa (Grundstrom, 1973, Fónagy e Bérard, 1973, I. Fónagy, J. Fónagy e J. Sap, 1979). Os testes indicaram ainda a presença discreta de uma terceira dimensão perceptiva, a **musicalidade**. Se aumentarmos a "musicalidade" da frase (o que se consegue diminuindo a variação melódica no interior das sílabas, acentuando a regularidade do movimento) haverá mais interpretado como uma interrogação.

As experiências com a síntese levadas a cabo por K. Hadding-Koch e Studdert-Kennedy (1964) chamaram a atenção para a importância das relações entre os diversos pontos idiossincrásicos da curva melódica, que deve ser considerada como um todo, como uma configuração global. A interpretação da modalidade depende de três fatores melódicos: a altura da subida final, a frequência do pico melódico que a curva atinge na frase e a frequência fundamental no ponto de inflexão que precede a subida final. A subida final é provavelmente o fator mais importante. Uma configuração melódica apresentando uma subida final com uma inclinação de 45% pode no entanto ser interpretada como uma asserção, se o ponto culminante localiza-se a 310 Hz, e como uma questão se ele estiver a 370 Hz.

Esse fato curioso revela, como observou P. Lieberman (1967) com razão, o caráter complexo, dinâmico, da percepção dos fatos prosódicos. O ouvinte avalia a subida final em função do nível do ponto culminante. Se nos limitássemos a comparar os dois níveis tonais, deveríamos considerar a subida final como relativamente menos elevada quando o ponto culminante se situa a 370 Hz. Ora, é nesse caso, ao contrário, que parecemos melhor apreciar a subida melódica. Tudo se passa como se soubéssemos que a produção de um nível melódico mais elevado exige uma pressão sub-glótica mais importante, e conseqüentemente uma diminuição correspondente da pressão pulmonar. Ora, em razão dessa diminuição da reserva de ar, a subida final deveria exigir, mantidas constantes as demais condições, um esforço maior. Parece ser em relação a esse esforço final, atribuído ao locutor imaginário, que percebemos a subida final como sendo mais importante nesses casos.

Outros testes, também baseados em frases inglesas sintetizadas, parecem indicar que a oposição, referente ao plano da percepção, entre "melodia ascendente" versus "melodia descendente", pode corresponder, no nível físico, tanto a "subida" versus "descida" como a "nível constante" versus "descida" (Gårding e Abranson, 1965).

Métodos menos complexos e aparelhagens mais acessíveis podem igualmente servir ao estudo dos traços distintivos prosódicos em diversas línguas. Uma das tarefas

mais importante consiste em isolarem-se os fatos prosódicos neutralizando-se o "texto", as informações segmentais. A filtragem da fala, deixando passar apenas as frequências baixas, pode destruir, de maneira mais ou menos perfeita, o "texto", atenuando o primeiro formante e eliminando os demais. O laringógrafo criado pelo Dr. Fabre e aperfeiçoado por L. Fourcin oferece-nos um meio simples e seguro para eliminarmos tudo o que se passa no nível supra-glótico, preservando concomitantemente o movimento tonal (Fabre, 1957, Fourcin e Abberton, 1972). As pessoas a quem se apresentam gravações laringográficas têm a impressão de estarem ouvindo falar alguém como que "decapitado", isto é, que dispõe apenas das cordas vocais. No âmbito da prosódia modal, o laringógrafo permite-nos, por exemplo, saber se questões marcadas por partículas interrogativas são percebidas como questões totais ou como asserções (ou como outros tipos de frases). Em sua tese dedicada às frases interrogativas do russo, Irina Fougeron (1971) utilizou sistematicamente esse aparelho. Ela pôde então mostrar que a maior parte das frases interrogativas russas marcadas pela partícula interrogativa *l'i* eram percebidas, nas gravações feitas utilizando-se o laringógrafo, como questões totais que não possuem partículas interrogativas, da mesma forma que o eram as frases interrogativas marcadas por *razve*, partícula que exprime a interrogação e a dúvida. Curiosamente nesse tipo de frase, embora a modalidade interrogativa seja perfeitamente reconhecida, os enunciados passam como neutros. Tal fato significa que a atitude de dúvida manifesta-se unicamente pelo morfema *razve*, intervindo a entoação apenas para enfatizar a modalidade interrogativa. Observou-se igualmente que não se tratava de uma regra absoluta; certas variantes marcadas por *l'i* foram percebidas como frases assertivas.

Os laboratórios que não dispunham de *vocoder* nem mesmo do laringógrafo recorriam a artifícios que estão ao alcance de todos. A importância da entoação na expressão das modalidades pôde ser evidenciada recorrendo-se a locutores (artistas e amadores) a quem se pedia que "pronunciassem" certas frases em abrir a boca, ou seja, substituindo as palavras por um *m-m-m-m* contínuo. Experiências análogas foram levadas a cabo com frases assobiadas (Fónagy e Magdics, 1967:90ss). Os testes feitos com essas gravações permitiram concluir que não há uma entoação imperativa ou desiderativa de caráter modal no húngaro, e que as questões marcadas pela partícula *-e* passam por frases assertivas ou imperativas, quando não há informações segmentais.

Não podemos desprezar tampouco os meios naturais fornecidos pela própria língua. Podemos tirar partido, nas pesquisas prosódicas, de homônimas que permitem neutralizar as oposições de caráter segmental. Assim, em russo, o morfema interrogativo *Kak* tem também valor de morfema exclamativo. A seqüência /*Kak famil'ija*/ pode significar tanto "Que família?" quanto "Que família!", exatamente como em português ou em francês. Coincidências acidentais permitem, em húngaro, construir "pares mínimos frasais potenciais" tais como *Mer Akos*, "Akos faz trejeitos." *versus* "Porque Akos?"; *Hozza a Könyvet* "Ele traz o livro.", podendo significar igualmente "Traga o livro!". Da mesma forma em português podemos ter em "Como sempre de

manhã" uma asserção (Alimento-me sempre da manhã), ou uma questão parcial (De que maneira 'sempre de manhã?'), graças a homonímia do vocábulo "como".

Aos diferentes tipos de "filtragens verticais" opõem-se os métodos que permitem estabelecer os traços distintivos ao longo do eixo horizontal, seja pela **supressão** de uma parte da frase, por sua redução sucessiva, seja por operações de "enxerto", isto é, a **substituição** de certos segmentos de uma frase por segmentos correspondentes tomados a uma outra frase.

Os foneticistas utilizaram-se sucessivamente de tesouras, de segmentadores eletrônicos, de dois gravadores não sincronizados (Moles, 1956, Mettas, 1966) e de aparelhos análogos ou mais sofisticados ('t Hart e Cohen, 1964, Romportl e Janota, 1973).

O método da segmentação permitiu a Georges Faure localizar a porção pertinente da frase para a distinção de sua modalidade (Faure, 1964, 1972).

Um método análogo - aplicado às frases assertivas e interrogativas do húngaro - pôs em evidência a informação modal fornecida por uma parte da frase considerada da parte inicial da frase (separada do seu núcleo modal) possibilita prever-se uma frase assertiva, enquanto que uma linha melódica ascendente anuncia, ao contrário, uma frase interrogativa (Fónagy e Magdics, 1967).

Experiências baseadas na amputação da primeira ou da segunda parte dos enunciados disjuntivos, interrogativos ou assertivos, do francês (Fónagy e Bérard, 1980) e do russo (Irina Fougeron, 1971) permitiram determinar o segmento modal pertinente nesses enunciados. Em francês, ele corresponde à primeira parte do enunciado, mesmo na ausência da conjunção, enquanto que em russo é o segundo segmento que é pertinente, incluindo-se aí a conjunção. (Foi esse mesmo método que revelou a homonímia parcial das questões totais e das asserções categóricas em russo).

Os julgamentos dos ouvintes baseiam-se geralmente na verificação das hipóteses emitidas, consciente ou inconscientemente. Esse processo essencial da reflexão sobre o discurso tem igualmente um equivalente mecânico na **identificação automática** das configurações melódicas estabelecidas em pesquisas anteriores. Tais controles mecânicos permitiram a autores holandeses verificar suas hipóteses referentes às regras de entoação propostas para frases do holandês e do inglês ('t Hart e Cohen, 1973).

Philippe Martin (1972) se propôs uma tarefa particularmente árdua e complexa: o reconhecimento automático das emoções a partir da análise automática de fenômenos prosódicos. Vale notar que a máquina pode ultrapassar, em certos casos, o desempenho do "descodificador" humano. Assim, observou-se que era possível programar-se o reconhecimento das asserções interrogativas do francês, apesar de serem elas confundidas pelos franceses, quando isolados de seu contexto, com frases assertivas (cf. Fónagy e Bérard, 1973).

EXISTE UMA ENTOAÇÃO IMPERATIVA?

O número considerável de publicações que têm por tema a entoação das frases interrogativas¹⁴ contrasta singularmente com a escassez de trabalhos dedicados à entoação das frases imperativas. Poder-se-ia supor que essa desproporção reflete a importância lingüística da entoação interrogativa em relação ao papel mais modesto que a prosódia parece desempenhar nas frases imperativas.

Acrescentemos que em geral nos contentamos em opor a entoação interrogativa a uma entoação não interrogativa (von Essen, 1966a, Jones, 1957, Schubiger, 1958, Buning e Schooneveld, 1961 e Romportl, 1973).

A modalidade imperativa manifesta-se em geral, nas línguas cujos sistemas prosódicos conhecemos suficientemente bem, por meios que são da alçada da dupla articulação: morfemas imperativos, ausência de sujeito nominal ou pronominal ("Venha!" versus "Você vem."). A entoação poderia entretanto ser pertinente nos casos mais ou menos marginais onde a modalidade não vem expressa, como por exemplo quando uma frase declarativa ou interrogativa funciona, por transferência, como uma ordem ("Você desce!", "Você quer obedecer a seu pai?"). Em certas línguas a oposição modal pode ser neutralizada sem que haja uma "metáfora gramatical" (modal). Assim, no húngaro nada distingue a seqüência *Tanulja a leckét* / *Tanulja a leckét* ("Ele estuda a lição") da que constitui a frase imperativa *Tanulja a leckét!* ("Estuda a lição!", ou "Que ele estude a lição!"). Da mesma forma *Hozza a Könyvet* pode significar tanto "Traga o livro", quanto "Ele traz o livro". Os testes de identificação indicam que o enunciado categórico confunde-se com o imperativo neutro ou categórico, e o imperativo polido confunde-se com o enunciado neutro. O enunciado surpreso (justificativo) foi interpretado na metade dos casos como um imperativo implicativo "Traga logo esse livro, droga!" (cf. Fónagy e Magdics, 1967). Ou seja, a entoação, ou antes a prosódia dessas frases, reflete diferentes atitudes ou emoções e não participa senão indiretamente da distinção das modalidades.

O silêncio dos foneticistas a respeito da entoação imperativa explica-se provavelmente por considerações análogas a essas que a "entoação imperativa" do húngaro inspira.

Diversos autores fazem todavia referência a uma entoação modal imperativa. Assim, Belkina (1965) constata que há contrastes melódicos e dinâmicos (de intensidade) mais marcados nas frases imperativas indonésias que nas frases declarativas ou interrogativas. Entretanto, como não dispomos de testes de identificação, nada podemos concluir sobre a pertinência lingüística desses contrastes observados.

¹⁴ Estudos aprofundados especialmente dedicados ao assunto dispensam-nos de analisar essas técnicas detalhadamente (cf. Léon e Martin, 1970, Mettas, 1971).

ouvinte apenas como uma questão. A totalidade dos ouvintes húngaros (vinte) perceberam a frase húngara como uma asserção. Posteriormente procedeu-se a uma dupla substituição em forma de quiasma combinando-se a estrutura segmental (o "texto") de Well com a entoação da frase húngara e dando à frase húngara sintetizada **Jó** a curva da frequência fundamental e a curva da intensidade da frase inglesa. O **Jó** húngaro, enxertado na melodia da frase inglesa, foi interpretado por todos os ouvintes que participaram do teste (vinte) como uma frase interrogativa. Os ouvintes americanos perceberam por outro lado o Well com a entoação húngara como uma asserção categórica.

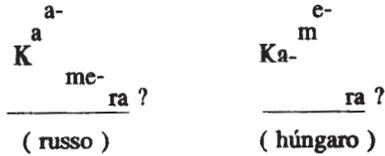
Divergências análogas opõem por vezes dois dialetos de uma mesma língua. Fontanella (1966) assinala a presença de uma subida final ("high rise") assertiva no dialeto argentino de Tucumán, e acrescenta que tais frases declarativas são frequentemente tomadas por questões pelos habitantes de Buenos Aires (cf. ainda Kvakik-Olsen, 1974).

A configuração melódica pode ou não depender da posição que a última sílaba acentuada ocupa na frase. Nas questões totais do tcheco, o tom sobe na última sílaba, independentemente do fato de ela ser ou não acentuada (Romportl, 1973:148-157). Além do padrão interrogativo neutro, os estudiosos assinalam igualmente um padrão emotivo, no qual a subida melódica pode se dar na penúltima sílaba de grupos trissilábicos ou na sílaba acentuada, aproximando-se do modelo russo (Romportl o.c.:142-143). Em outras línguas, como o russo, o alemão, ou o húngaro, a configuração melódica interrogativa varia em função da posição da última sílaba acentuada. Varia entretanto de maneira diversa como podemos ver no quadro abaixo:

Frase interrogativas	tcheco	russo	português	alemão	húngaro
oxítonas	... x' ?	... x' ?	... x' ?	... x' ?	... x' ?
paroxítonas	... x x' ? ... x x' ?	... x x' ?	... x x' ?	... x x' ?	... x x' ?
proparoxítonas	... x x x' ? ... x x x' ?	... x x x' ?			

Configuração melódica da interrogação segundo a posição da última sílaba acentuada em tcheco, russo, português, alemão e húngaro.

Nas frases paroxítonas do russo (... x x' ?), o tom sobe na penúltima sílaba. Já nas do alemão, o tom sobe na última, enquanto que no húngaro, o tom sobe e torna a descer na última sílaba. A divergência entre as configurações interrogativas do russo e do húngaro torna-se ainda mais sensível nas frases proparoxítonas:



A frase interrogativa proparoxítona do russo assemelha-se mais, nesses casos, à asserção categórica húngara. É isso o que explica porque as perguntas de uma estagiária soviética, capaz de falar bem o húngaro, mas conservando os seus hábitos melódicos, eram frequentemente entendidas, pela roda de suas relações húngaras, como asserções ou exclamações surpresas.

A subida na interrogação é inseparável, no russo, assim como no português, da sílaba acentuada, o que não ocorre nas demais línguas citadas. O russo utiliza-se dessa constância para conferir sentidos múltiplos à mesma frase fazendo variar o pico melódico de uma sílaba acentuada a outra (cf. Bryzgunova, 1965, Fougeron, 1971:16 ss.) Em alemão, em húngaro ou em tcheco, não se vai além de por em relevo um dos vocábulos da frase utilizando-se um acento de intensidade, sem que esses deslocamentos acentuais modifiquem o padrão melódico interrogativo. A maior parte das línguas serve-se de meios heterogêneos - morfemas interrogativos, ordem das palavras, entoação - para distinguir a questão total da asserção correspondente. Flydal (1965) considera-os "membros de um paradigma heterogêneo", membros esses que se combinam de maneiras distintas segundo as línguas. A inversão acarreta geralmente uma entoação interrogativa. O morfema interrogativo -e exclui a entoação interrogativa no húngaro, exige-a no polonês (Wodarz, 1962) e a tolera em japonês, havaiano, tagalog (cf. Isamu Abe, 1971).

Seria necessário acrescentar à lista das divergências melódicas imputáveis às convenções os casos onde uma convenção a de uma língua determinada opõe-se, não a uma convenção b, mas à ausência de uma convenção estabelecida. No francês, os traços prosódicos pertinentes, constantes, opõem as questões disjuntivas às asserções correspondentes. Em outras línguas - como por exemplo no húngaro - a distinção improvisa-se, imperfeitamente, no nível da fala.

B. Convergências

Herbert Pilch cita em um de seus artigos (1973), não sem ironia, uma frase de John Walker (1781:123): "When we ask a question... we naturally adopt the rising inflexion on the last word". Em que pese às numerosas divergências que opõem as regras de entoação modal das diferentes línguas, parece-nos que a concepção de Walker, que não difere essencialmente da de Elise Richter (1933) ou de Charles Bally (1965:42), pode justificar-se. Segundo os estudos contrastivos de Eduard Hermann (1942), a entoação interrogativa distingue-se da entoação assertiva seja por uma subida tonal no fim ou no início da frase, seja por um nível melódico médio mais elevado. Essa

conclusão, fundamentada na análise de um corpus considerável e bastante variado, jamais foi infirmada, ao que sabemos, até o presente momento. Isamu Abe (1971) chegou, a partir da análise da entoação modal de línguas não aparentadas, a uma conclusão análoga: "Os contornos mais comuns [das frases interrogativas] distinguem-se dos das frases assertivas por a) um tom ascendente ou mais alto... b) ou um tom menos descendente. Dwight Bolinger (1964) salientou igualmente o caráter provavelmente universal dessas tendências, respaldando-se em numerosos exemplos. Seria com efeito absurdo querer atribuir as convergências observadas nas diferentes línguas unicamente ao acaso. Apesar de nosso conhecimento ainda muito imperfeito da entoação modal nas línguas do mundo, podemos concluir, sem arriscar muito, que há uma relação natural entre o aumento da tensão psicológica, representada pelo tom ascendente ou alto das questões (não marcadas por morfemas), e a tensão semântica, pragmática, inerente à modalidade interrogativa.¹⁶

Há outros comportamentos entoacionais convergentes que põem em evidência os fundamentos paralingüísticos da expressão prosódica da modalidade interrogativa. Na maior parte das línguas a entoação das questões parciais neutras não se distingue da entoação das enunciações assertivas. A entoação interrogativa enfraquece-se ou neutraliza-se em certas situações, como no "jogo das personagens", em francês, em inglês (Fries, 1964). A entoação pode igualmente transformar, em diferentes línguas, aparentadas ou não, a questão objetiva em questão metalingüística, o que ocorre em francês, inglês, alemão, russo, português, retoromânico, húngaro, turco, etc. Ela indica ainda o estatuto particular das questões elípticas alusivas (do tipo: "E no próximo ano?").

O caráter pragmático da interrogação manifesta-se de maneira análoga em diferentes línguas. A questão retórica (do tipo +A, +B) tende a diminuir a tensão melódica. A questão do examinador (do tipo +A, -B) caracteriza-se, ao contrário, por um aumento da tensão tonal.

C. Contradições

Parece portanto simples demonstrar o caráter convencional das entoações modais, e não muito difícil salientar o seu caráter motivado. A contradição entre essas duas afirmações poderia ser apenas aparente. Observam-se entretanto frequentemente dentro de uma mesma língua, e mesmo no interior de um dialeto, fenômenos melódicos que parecem estar em contradição flagrante com o princípio da motivação do signo. Romportl (1973:135-146) assinala casos de **sinonímia melódica**, isto é, a existência de padrões entoacionais independentes, qualitativamente diferentes, que podem ser atribuídos, praticamente sem distinção, às mesmas frases interrogativas do tcheco. Boyanus (1946) distinguia da mesma forma dois padrões interrogativos opostos no

¹⁶ Os trabalhos com a síntese foram executados no Laboratório de Fonética da Universidade de Michigan em 1965.

russo, um ascendente, outro descendente, parecendo ser essa último atualmente a expressão neutra da modalidade interrogativa (Brysgunova, 1965, Romportl, 1973:143).

Romportl (1973:144) cita por outro lado casos de **homonímia melódica**. A entoação da questão total russa nas frases oxítonas coincide com a do primeiro grupo rítmico ("pre-pause melodeme") das frases assertivas. Irina Fougeron (1974) encontrou outros casos de homonímia parcial. Romportl (1973:145) aproxima uma certa entoação das questões parciais tchecas da entoação típica da atitude de alerta. Testes feitos com gravações laringográficas e frases sussurradas mostram que as questões parciais russas, francesas ou húngaras coincidem frequentemente, do ponto de vista prosódico, com as frases assertivas. Devemos nesse caso falar em homonímia melódica ou simplesmente de ausência de uma melodia própria às questões parciais?

A quase homonímia dos padrões melódicos distintivos é a um tempo mais significativa e mais embaraçosa. Mesmo em línguas como o húngaro, que distingue claramente a entoação interrogativa da entoação assertiva, temos uma grande semelhança entre as entoações ascendentes-descendentes que exprimem a asserção categórica e a questão incrédula.

Encontramos igualmente um padrão entoacional descendente-ascendente que associamos tanto a uma atitude assertiva determinada ("Está bem, se você faz questão...") quanto à questão surpresa.

A análise das curvas de frequência nos mostra que essas formas não se sobrepõem inteiramente, e os testes de percepção, feitos a partir de variantes sintetizadas, permitem-nos evidenciar os traços prosódicos distintivos (Fónagy, 1969:24-27).

O fato de poder existir uma distância melódica importante a separar frases da mesma modalidade, e a grande semelhança que pode haver entre entoações que exprimem modalidades opostas, constitui um problema teórico de peso. Parece evidente que as formas de entoação modal são mais ou menos motivadas. Por outro lado a sinonímia e a homonímia são consideradas com razão, desde o Crátilo de Platão, como os principais argumentos a favor do arbitrário do signo. Os resultados dos testes de percepção - que provam que uma questão incrédula pode ser interpretada, fora de sua situação e de seu contexto, como uma asserção categórica, ou que uma asserção implicativa pode ser interpretada como uma interrogação - são ainda mais embaraçosos.

Quase que não poderíamos evitar retornar a essa questão posteriormente para recolocá-la, nos quadros de referência ampliados, em toda a sua generalidade.

Contentemo-nos por enquanto de recordar a verdade banal de que nossa gramática é contextual, que produzimos frases sempre em função de um contexto preciso, de uma situação real, concreta, e que a supressão do contexto, a criação de uma situação experimental, excepcional, prejudica a comunicação verbal.

Tradução de João Antônio de Moraes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABE, I. 1971. On question tunes, a statistical analysis of question forms. In: Williams, T.W. 'The glass menagerie'. Study of Sounds (n.p.).
- ARMSTRONG, L.E., Ward, I.C. 1926. Handbook of English intonation. Leipzig: Teubner.
- AUSTIN, J.L. 1962. How to do things with words (1955). Oxford: Clarendon.
- BALLY, Ch. 1965. Linguistique générale et linguistique française (1944). Bern: Francke.
- BELKINA, E.S. 1965. Intonacija pobuditel'nyh predlozenij v indonezijskom jazyke (A entoação dos tipos comunicativos básicos de frase em indonésio). *Phonetica* 12: 134-136.
- BOLINGER, D. 1964. Intonation as a universal. Proc. Ninth Int. Congr. of Linguists (Cambridge 1962). The Hague: Mouton, 823-844.
- _____. 1978. Yes-No questions are not alternative questions. In: Hiz H. (ed.) Questions. Dordrecht: Reidel, 87-105.
- BOLZANO, B. 1914-1915. Wissenschaftslehre (1837). Leipzig: Höfler.
- BOYANUS, S.C. 1936. The main types of Russian intonation. Proc. Second Int. Congr. of Phonetic Sciences (London 1935). Cambridge: University Press, 110-113.
- _____. 1946. A manual of Russian pronunciation (1935). London.
- BRATUS, B.V. 1972. Russian intonation. Oxford: Pergamon Press.
- BRYZGUNOVA, E.A. 1965. Materialy po kurso 'Fonetika i intonatsija russkoj reči'.
- _____. 1969. Zvuki i intonacija russkoj reči (Sons e entoação no russo). Moscou: Lingvafonnyj kurs.
- _____. 1970. Les principaux types de schémas intonatifs en russe moderne et leur perception. Proc. Sixth Int. Congr. of Phonetic Sciences (Prague 1967). Prague: Publ. Czechoslovak Academy of Sciences, 219-222.
- BÜHLER, K. 1934. Sprachtheorie. Jena: Fischer.
- BUNING, E.J., Schooneveld, C.H. van 1961. The sentence intonation of contemporary Standard Russian as a linguistic structure. The Hague: Mouton.
- CARNAP, R. 1939. Foundations of logic and mathematics. Chicago: University of Chicago Press.
- CHAFE, W. 1968. Idiomaticity as an anomaly in Chomskyan paradigm. *Foundations of Language* 4: 109-127.
- COHEN, A., 't Hart, J. 1967. On the anatomy of intonation. *Lingua* 19: 177-192.
- COUSTENOBLE, H.N., Armstrong. L.E. 1934. Studies in French intonation. Cambridge: Heffer.
- CSÜRY, B. 1925. Szamosháti hanglejtésformák (Padrões entoacionais do dialeto de Szamoshát). *Magyar Nyelv* 21:1-21, 159-175, 247-254.
- CULIOLI, A. 1975-1976. Recherche en linguistique. Théories des opérations énonciatives. Séminaire de Diplôme d'Etudes Avancées (mimeografado).
- DANEŠ, F. 1960. Sentence intonation from a functional point of view. *Word* 16:35-54.
- DELATTRE, P. 1966. Les dix intonations de base du français. *French Review* 40:1-14.
- _____. 1969. L'intonation par les oppositions. *Le Français dans le Monde* 64: 6-13.

- DELATTRE, P., Poenack, E., Olsen, C. 1965. Some characteristics of German Intonation for the expression of continuation and finality. *Phonetica* 13:134-161.
- DE LA GRASSERIE, R. 1862. *Essai de rythmique comparée*. Louvain.
- DENES, P. 1959. A preliminary investigation of certain aspects of intonation. *Language and Speech* 2: 106-122.
- DENES, P., Milton-Williams, J. 1962. Further studies in intonation. *Language and Speech* 5: 1-14.
- DOWNING, B.T. 1974. Derivational constraints on intonation. In: Downing B.T. (ed.) *Californian Occasional Papers*, n° 2: 34-59.
- DUBOIS, J. 1965. *Grammaire structurale du français. Nom et pronom*. Paris: Larousse.
- ERDMANN, B. 1892. *Logik* vol. 1. Halle.
- ERVIN-TRIPP, S. 1970. Discourse agreement: how children answer questions. In: Hayes, R. (ed.) *Cognition and the development of language*. New York: Wiley.
- ESSEN, O. von 1956 (a). *Grundzüge der hochdeutschen Satzintonation*. Ratingen: Henn.
 _____ . 1956 (b). Hochdeutsche Satzmelodie. *Zeitschrift für Phonetik* 9: 75-85.
 _____ . 1961. Über die melodische Struktur des Ausspruchs im amerikanischen English. *Zeitschrift für Phonetik* 14: 105-126.
- FABRE, E. 1957. Un procédé électrique percutané d'inscriptions des accolements glottiques au cours de la phonation: glottographie de haute fréquence; premiers résultats. *Bull. de l'Académie Nationale de Médecine*, 66-69.
- FAURE, G. 1962. *Recherches sur les caractères et le rôle des éléments musicaux dans la prononciation anglaise*. Paris: Dider.
 _____ . 1964. Aspects et fonctions linguistiques des variations mélodiques dans la chaîne parlée. *Proc. Fifth Int. Congr. of Linguists (Cambridge 1962)*. The Hague: Mouton, 72-78.
 _____ . 1971. La description phonologique des systèmes prosodiques. *Zeitschrift für Phonetik* 24 (5), 347-359.
- FIRBAS, J. 1972. A note on the intonation of questions from the point of view of the theory of functional sentence perspective. In: *Symposium on intonology. Acta Universitatis Carolinae. Phonetica Pragensia* 3. Prague: University Karlova, 91-94.
- FLANAGAN, J.L. 1965. *Speech analysis, synthesis and perception*. New York: Academic Press.
- FLYDAL, L. 1965. L'intonation interrogative et l'inversion. *Proc. Fifth Int. Congr. of Phonetic Sciences*. (Münster 1964). Basel, New York, 275-280.
- FOKOS-FUCHS, D.R. 1951. *Volksdichtung der Komi*. Budapest: Akadémiai kiadó.
- FÓNAGY, I. 1969. Métaphores d'intonation et changements d'intonation. *Bull. de la Société de Linguistique de Paris* 64: 22-42.
 _____ . 1980. A semiotic approach to prosodic irregularities. *Fourth Int. Phonology Meeting (Vienna 1980)* *Phonologica* 1980, 137-152.
- FÓNAGY, I., Bérard, E. 1973. Questions totales simples et implicatives en français parisien. In: Grundstrom, A., Léon, P. 1973:53-98.
 _____ . 1980. 'Bleu ou vert'. Analyse et synthèse des énoncés disjonctifs. In: Waugh, L.R., Schooneveld, C.H. van, *The melody of language*. Baltimore: University Park Press, 81-114.

- FÓNAGY, I. e J., Sap. 1979. A la recherche des traits pertinents prosodiques du français parisien. *Phonetica* 36: 1-20.
- FÓNAGY, I., Guzmán, M., Bérard, E. 1976. Comment mesurer "l'accent" d'intonation? *Travaux de l'Institut d'Etudes Linguistiques et Phonétiques* 2: 41-61.
- FÓNAGY, I., Magdics, K. 1963. Das Paradoxon der Sprechmelodie. *Ural-Altische Jahrbücher* 35: 1-55.
 _____. 1967. A magyar beszéd dallama (A entoação do húngaro). Budapest: Akadémiai kiadó.
- FONTANELLA, M.B. 1966. Comparación de dos entonaciones regionales argentinas. *Thesaurus* 21:17-29.
- FOUGERON, T. 1971. De l'intonation dans les phrases interrogativas russes. Tese de doutorado. Université de Paris II.
 _____. 1974. De l'homonymie mélodique des propositions interrogatives et énonciatives en russe. *Travaux de l'Institut d'Etudes Linguistiques et Phonétiques* 1: 76-83.
- FOURCIN, A.J., Albberton, E. 1972. First application of a new laryngograph. *Volta Rev.* 74: 161-176.
- FREGE, G. 1962. Funktion, Begriff, Bedeutung. Fünf logische Studien. ed. Patzig, G. Göttingen.
- FRIES, C.C. 1964. On the intonation of 'yes-no' questions in english. In: Abercrombie, D. et al. (eds.) In honour of Daniel Jones. London: Longmans, 242-254.
- GÅRDING, E., Abramson, A.S. 1965. A study on the perception of some American English intonation contours. *Studia Linguistica* 19: 61-79.
- GRAMMONT, M. 1924. *Traité pratique de prononciation française*. Paris: Delagrave.
- GRUNDSTROM, A., Léon, P. (eds.) 1973. *Interrogation et intonation*. *Studia Phonetica* 8. Ottawa: Didier.
- GRUNDSTROM, A. 1973. L'intonation des questions en français standard. In: Grundstrom, A., Léon, P. 1973: 19-52.
- GUIRGUIS, V. 1983. L'intonation modale en arabe parlé égyptien. Tese de doutorado. Université de Paris III.
- GUZMÁN, M. 1973. Les interférences de l'intonation interrogative dans le français parlé par les Chiliens. Tese de doutorado. Université de Paris III.
- HADDING-KOCH, K., Studdert-Kennedy, M. 1964. An experimental study of some intonation contours. *Phonetica* 10: 194-202.
- HERMANN, E. 1942. Probleme der Frage. *Nachrichten von der Akademie der Wissenschaften in Göttingen. Philos.-Hist. Klasse*, 121-408.
- HIST, D.J., Ginesy, M. 1974. An approach to the integration of intonation into the syntactic description of English. *Linguistics* 121: 45-55.
- HÖFFE, W. 1960. Über Beziehungen von Sprachmelodie und Lautstärke. *Phonetica* 5: 129-158.
- HUDDLESTON, R., Uren, O. 1969. Declarative, interrogative and imperative in French. *Lingua* 22: 1-26.
- HULTZÉN, L.S. 1962. Significant and nonsignificant in intonation. Proc. Fourth Int. Congr. of Phonetic Sciences (Helsinki 1961). The Hague: Mouton, 658-661.
- HUTTAR, G.L. 1967. Some relations between emotions and prosodic parameters of speech. S.C.R.L. Monograph n° 11. Santa Barbara.

- ISSATSCHENKO, A., Schädlich, H.J. 1966. Untersuchungen Über die deutsche Satzintonation. In: *Studia Grammatica* 7. Berlin: Akademie Verlag, 7-67.
- JONES, D. 1957. *An outline of English phonetics*. Cambridge: Heffer.
- KAHWAJI, M. 1970. Introduction à l'étude de l'intonation dans l'arabe littéraire et le dialecte libanais. Tese de doutorado. Université de Paris III.
- KÁLMÁN, B. 1965. *Vogul chrestomathy*. Uralic and Altaic series, vol. 46. Bloomington: Indiana Univ. Press. 49-53.
- KANNISTO, A., Liimola, M. 1951-1959. *Wogulische Volksdichtung*. Helsinki.
- KARCEVSKIJ, S. 1931. Sur la phonologie de la phrase. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 4: 188-227.
- KÁROLY, S. 1963. Kinds of sentences examined from the point of view of function and form. *Acta Linguistica*. Hung. 13: 226-255.
- KATZ, J.J., Postal, P.M. 1964. *An integrated theory of linguistic description*. Cambridge: M.I.T. Press.
- KINGDON, R. 1958. *The groundwork of English intonation*. London: Longman.
- KUNO, S., Robinson, J.J. 1972. Multiple whe questions. *Linguistic Inquiry* 3: 463-487.
- KVAVIK, K.H., Olsen, C.L. 1974. Theories and methods in Spanish intonational studies. *Phonetica* 30: 65-100.
- LADÁNYI, P. 1962. A kérdő mondatok logikai analizéséhez (Contribuição à análise lógica das frases interrogativas). *Nyelvtudományi Közlemények* 64: 187-207.
- _____. 1965. Zur logischen Analyse der Fragesätze. *Acta Linguistica*. Hung. 15: 37-65.
- LANGACKER, R. 1965. French interrogatives: a transformational description. *Language* 41: 587-600.
- LÉON, P.R., Martin, Ph. 1970. Prolégomènes à l'étude des structures intonatives. *Studia Phonetica* 2: 43-56.
- LIEBERMAN, P. 1967. *Intonation, perception and language*. Cambridge: M.I.T. Press.
- LYONS, J. 1977. *Semantics* 1-2. Cambridge: University Press.
- MALMBERG, B. 1966. Analyse des faits prosodiques - problèmes et méthodes. *Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée* 3: 399-407.
- MARTIN, Ph. 1972. Reconnaissance automatique de patrons intonatifs. In: *Symposium on Intonology*. Acta Universitatis Carolinae. *Phonetica Pragensia* 3. Praga: Universita Karlova: 161-164.
- METLJUK, A.A. 1973. Issledovanije intonacii obscego voprosa i utverzdenija v belorusskom jazyke metodom 'analiz - sintez' (Estudo da entoação das questões totais e das asserções no bielorusso com aplicação do método 'análise - síntese'). In: *Vsesojuznaja konferencija 'Analiz i sintez kak obuslovljeny e metody eksperimentalno-foneticeskih issledovanij reči. Materialy konferencyi*. Minsk. (Pré-publicações).
- METTAS, O. 1964. Etude sur l'intonation en français. *Travaux de Linguistique et de Littérature de Strasbourg* 2: 99-105.
- _____. 1966. Les facteurs ecto-sémantiques du discours et leur caractérisation par synthèse. In: Moles, A., Vallancien, B. *Phonétique et phonation*. Paris: Masson, 177-187.
- _____. 1971. *Les techniques de la phonétique instrumentale et l'intonation*. Bruxelles: Maloine.

- MOLES, A. 1956. Caractérisation de la voix. Cahiers d'Etudes de la R.T.V. n° 2.
- NOLL, A.M. 1967, 1968. Cepstrum pitch determination. *J.Acc.Soc.Amer.* 41: 293-309; 44: 1585-1591.
- PAUL, H. 1920. Prinzipien der Sprachgeschichte (1886). Hale: Niemeyer. (Tradução portuguesa de M.L. Schemann, Princípios fundamentais da história da língua, Lisboa: Gulbenkian, 1970).
- PEŠKOVSKIJ, A. 1928. Intonacija i gramatika (Entoação e gramática). *Izv. po ruskomu jeziku i slovesnosti* 1: 458-476.
- PIKE, K.L. 1945. The intonation of American English. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- PILCH, H. 1966. Intonation: Experimentelle und strukturelle Daten. *Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée* 3: 131-166.
- _____. 1970. The elementary intonation contour of English. A phonemic analysis. *Phonetica* 22: 82-111.
- _____. 1973. La mélodie dans les structures linguistiques. *Bulletin d'Audiophonologie* 3: 43-64.
- REICHENBACH, H. 1947. Elements of symbolic logic. New York: Macmillan.
- RICHTER, E. 1933. Einheitlichkeit der Hervorhebungsabsicht. *Actes du Deuxième Congrès Int. des Linguistes*. Paris: Maisonneuve, 150-153.
- ROMPORTL, M. 1973. Studies in phonetic. B. Intonology. Prague: Akademia, 129-186.
- ROMPORTL, M., Janota, P. 1973. Ein Beitrag zur phonetischen Methodik. In: Romportl 1973: 189-202.
- ROSS, J.R. 1970. On declarative sentences. In: Jacobs, Rosenbaum (eds.) *Readings in English transformational grammar*. Blaisdell: Weltham.
- SADOCK, J. 1970. Whimperatives. In: Sadock, J., Vanek, A.L. 1970: 223-238.
- SADOCK, J. Vanek, A.L. (eds.) 1970. Studies presented to Robert B. Lees by his students. *Papers in linguistics*. Monograph series 1, Edmonton, Champaign: Linguistic Research Inc.
- SCHMIDT-RADEFELDT, J. 1973. Zum metasprachlichen Fragesatz und seiner Integration in die generative Semantik. *Linguistische Berichte* 24: 43-53.
- SCHBIGER, M. 1958. English intonation, its form and function. Tübingen: Niemeyer.
- SCRIPTURE, E.W. 1906. Researches in experimental phonetics. The structure of speech curves. Washington: Carnegie Institute.
- STOCKWELL, R.P., Schachter, P., Hall-Partee, B. 1973. The major syntactic structures of English. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- 't HART, J., Cohen, A. 1964. Gating techniques as an aid in speech analysis. *Language and Speech* 7: 22-39.
- _____. 1973. Intonation by rule: a perceptual quest. *J. of Phonetics* 1: 309-327.
- TESNIÈRE, L. 1966. *Eléments de syntaxe structurale* (1959). Paris: Klincksieck.
- TORY, G. 1931. *Champ fleury* (1529), éd. Cohen, G. Paris.
- TRAGER, G.L. Smith, H.L. 1951. An outline of English structure. *Studies in linguistics*. Occasional papers n° 3. Oklahoma.

- ULDALL, E.T. 1962. Ambiguity: question or statement? Proc. Fourth Int. Congr. of Phonetic Sciences (Helsinki 1961). The Hague: Mouton, 779-783.
- VINOGRADOV, V.V. 1950. O kategorii modal'nosti v russkom jazyke (As categorias modais do russo). Trudy Instituta Russkogo Jazyka 2.
- WALKER, J. 1781. Elements of elocution. London.
- WUNDT, W. 1900. Völkerpsychologie. Die Sprache II. Leipzig: Engelmann.
- YORIO, C.A. 1973. The generative process of intonation. Linguistics 35: 11-25.